

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

SÓSTENES PORTELA VIEIRA DONATO

CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE IPOJUCA EM PERNAMBUCO
Reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo.

Recife

2008

SÓSTENES PORTELA VIEIRA DONATO

CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE IPOJUCA EM PERNAMBUCO
Reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo.

Dissertação submetida à aprovação do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Recife

2008

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

D677c Donato, Sóstenes Portela Vieira.
Convento de Santo Antônio de Ipojuca em Pernambuco : reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo / Sóstenes Portela Vieira Donato. – 2008.

107 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2008.

Inclui Referências.

1. História. 2. Religião. 3. Religiosidade. 4. Ordens monásticas e religiosas. 5. Espirituais franciscanos. 6. Conventos. 7. Adoração (Religião). 8. História cultural. 9. Franciscanismo. I. Aguiar, Sylvana Maria Brandão de (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-168)

SÓSTENES PORTELA VIEIRA DONATO

CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE IPOJUCA EM PERNAMBUCO
Reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo.

Dissertação submetida à aprovação do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em **30/06/2008**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Sylvana Maria Brandão de Aguiar
Orientadora – Departamento de História da UFPE

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques
Departamento de História da UNICAP

Profª Drª Virgínia Maria Almoêdo de Assis
Departamento de História da UFPE

“O que é sagrado desafia o tempo, porque justamente constitui um instrumento, uma arma para vencer o tempo.”

Afphonse Dupront

AGRADECIMENTOS

A professora Sylvana Brandão meu grande agradecimento não somente pela orientação dedicada e inteligente desta dissertação, mas por todos os momentos de apoio e incentivo desde a graduação.

Agradeço aos meus pais por todo o suporte necessário que me fez chegar até aqui e por terem proporcionado a mim mais que educação formal, a construção de um homem de bem.

Agradeço a minha avó Alcira por sempre ter me dado forças para atingir meus objetivos e estendo este agradecimento a todos os meus familiares.

Agradeço a minha noiva Jacqueline por todo carinho e amorosa dedicação, mesmo nos momentos mais críticos da elaboração deste trabalho.

Agradeço a Lêda Correia e Elaine Santos pela amizade e incentivo mútuo desde o curso de graduação. Estendo o agradecimento aos colegas do curso de História na pessoa do amigo Rivelynno Lins. Também as minhas amigas Luciane Borba e Nathalie Santos pela alegria do convívio diário e estímulo de todos os momentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em História, seus professores e funcionários.

Aos colegas do grupo de estudo História e Religiões pelos momentos de discussão e debate nas reuniões que tivemos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento a esta pesquisa através da bolsa de estudo.

Agradeço a Deus causa primária de tudo, por esta incrível oportunidade.

RESUMO

Esta pesquisa é uma análise histórica sobre peregrinações e devoções que passaram a acontecer na cidade de Ipojuca – PE, mais especificamente ao santuário do Senhor Santo Cristo, localizado no Convento Franciscano de Santo Antônio, fundado em 1606. Inserido na História Cultural nosso tema fez com que fossemos levados a uma interdisciplinaridade. Entendemos interdisciplinaridade não como uma amalgamação de disciplinas, mas como uma troca de conceitos, onde a História procura estabelecer um diálogo no que diz respeito aos seus métodos e objetos com as outras disciplinas. Essa interdisciplinaridade se fez mais presente nas nossas abordagens a respeito da devoção. Buscamos através do detalhamento dos elementos que podemos identificar como característicos desse fenômeno religioso, elaborar um estudo histórico sobre a devoção que acontece em Ipojuca. Para consubstanciar nossa investigação histórica foram essenciais conceitos como o de estrutura de plausibilidade, de Peter Berger, o de hierofania de Mircea Eliade, o de carisma de Max Weber, e ainda a perspectiva da circularidade cultural de Carlo Ginzburg. Recolhemos fontes distintas em seu gênero e de épocas bastantes diversas. Isso se deu pela razão de trabalharmos com o tempo de longa duração, onde traçamos uma linha do ponto de origem do nosso estudo, no século XVII até o presente, principalmente no que se refere à devoção e as romarias ao Santo Cristo. Com isso, foi sendo possível trabalharmos com fontes manuscritas do tempo do Brasil Colônia do Arquivo Histórico Ultramarino e com relatos orais dos devotos e romeiros que se dirigem a Ipojuca, além de outras fontes como os materiais produzidos pelo convento para a festa anual do Santo Cristo. Elemento importante da cultura do povo desta cidade, bem como de Pernambuco, o Santo Cristo, mesmo com as visitas ao seu santuário reduzidas, está desde 1663 como objeto da devoção das pessoas que o procuram para pedir e/ou agradecer por benefícios que lhes foram concedidos.

Palavras-chave: Religião. Religiosidade. Fé. História Cultural. Franciscanismo

ABSTRACT

This research is a historical analysis of pilgrimages and devotions that took place in the city of Ipojuca - PE, more specifically to the sanctuary of Lord Santo Cristo, located in the Franciscan Convent of Santo Antônio, founded in 1606. That we are led to an interdisciplinarity. We understand interdisciplinarity not as an amalgamation of disciplines, but as an exchange of concepts, where History seeks to establish a dialogue with respect to its methods and objects with the other disciplines. This interdisciplinarity has become more present in our approaches to devotion. We search through the detailing of the elements that we can identify as characteristic of this religious phenomenon, to elaborate a historical study on the devotion that happens in Ipojuca. In order to substantiate our historical investigation, concepts such as Peter Berger's structure of plausibility, Mircea Eliade's hierophany, Max Weber's charisma, and Carlo Ginzburg's cultural circularity perspective were essential. We collect distinct sources in its genus and quite several times. This was due to the reason we worked with the long time, where we draw a line from the point of origin of our study, in the seventeenth century to the present, especially with regard to devotion and pilgrimages to the Holy Christ. With this, it was possible to work with handwritten sources from the time of the Colônia of the Overseas Historical Archive and with oral accounts of devotees and pilgrims who go to Ipojuca, as well as other sources such as the materials produced by the convent for the annual feast of Santo Cristo . Important element of the culture of the people of this city, as well as of Pernambuco, Santo Cristo, even with the visits to its sanctuary reduced, is from 1663 as object of the devotion of the people who look for it and / or to thank for benefits that were granted.

Keywords: Religion. Religiosity. Faith. Cultural History. Franciscanism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Plano urbano do centro da cidade de Ipojuca	38
Figura 2 – Placa no corredor do claustro	42
Figura 3 – Antiga capela do Santo Cristo ocupada hoje pelo Sagrado Coração de Jesus	43
Figura 4 – Frontão da igreja do convento	55
Figura 5 – Conjunto da frente da igreja	56
Figura 6 – Pátio interno do convento	57
Figura 7 – Planta baixa do convento de Santo Antônio de Ipojuca	58
Figura 8 – Altar-mor com a imagem do Santo Cristo ladeada pelas imagens de Santo Antônio e São Francisco de Assis	69
Figura 9 – Nossa Senhora da Conceição	62
Figura 10 – São José e São Miguel	63
Figura 11 – Senhor Morto	63
Figura 12 – São Benedito	64
Figura 13 – Sagrado Coração de Jesus	64
Figura 14 – Nossa Senhora das Dores e São Benedito em nicho lateral	65
Figura 15 – Santa Luzia	65
Figura 16 – Pintura do teto da nave da igreja do convento	74
Figura 17 – Detalhe do Santo Cristo de Ipojuca	76
Figura 18 – Perspectiva da sala dos ex-votos	88
Figura 19 – Urna para depósito de pedidos ao Santo Cristo ou de Doações	89
Figura 20 – Armário que serve como depósito para demais ex-votos	89
Figura 21 – Portal do início da rua do comércio em Ipojuca	92
Figura 22 – Show da Cantora Alcione no último dia da festa	93

SUMÁRIO

1 – Introdução	10
2 – História, Religião, Religiosidades: considerações teóricas e metodológicas	17
3 – O Convento de Santo Antônio de Ipojuca	35
3.1 O Início da Ordem dos Frades Menores no Brasil	35
3.2 Os Franciscanos em Ipojuca	37
3.3 Em nome de Santo Antônio	43
3.4 A Invasão Holandesa	46
3.5 Do Declínio a Restauração	48
3.6 Contexto da Igreja no Brasil após a Proclamação da República	51
3.7 Arquitetura Franciscana do Convento de Santo Antônio de Ipojuca	54
3.8 A Iconografia do Convento	61
4 – O Santuário do Santo Cristo de Ipojuca	67
4.1 O surgimento do Santuário do Santo Cristo de Ipojuca	70
4.2 A Cruz do Santo Cristo	77
5 – Devoção ao Senhor Santo Cristo de Ipojuca	80
5.1 Os Ex-Votos	87
5.2 A festa do Santo Cristo: seus aspectos sagrados e profanos	90
5.3 Cenário atual da devoção ao Santo Cristo de Ipojuca	94
Considerações Finais	97
Referências	100

1 – INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa tem como ponto principal de investigação histórica a elaboração de uma História Cultural¹ do Convento Franciscano de Santo Antônio localizado na cidade de Ipojuca, cuja edificação remonta ao início do século XVII.

O período que delimitamos abrange a instalação do convento em 1606, a chegada da imagem do Santo Cristo em 1663, o surgimento do seu santuário em 1665 e as romarias que se iniciaram nessa época e que ainda acontecem.

Esse período tão extenso o enquadrámos no tempo histórico que se convencionou chamar de longa duração. Não defendemos com isso uma atemporalidade como seria, por exemplo, a dos mitos, mas uma espécie de história inconsciente, aquela que se mantém íntegra mesmo com a constante modificação dos acontecimentos que ficam mais visíveis na vida social². O fenômeno religioso para Michel Vovelle permite a aplicação dessa longa duração por ser necessário em muitos estudos irmos buscar na profundidade de séculos a elucidação de determinados problemas. Sendo assim, analisamos a devoção ao Santo Cristo de Ipojuca a partir dessa perspectiva da longa duração, visto não percebermos mudanças intensas num fenômeno que se apresenta ainda atual.

O Convento de Santo Antônio³, edificado na cidade de Ipojuca, localizada na mata sul do Estado de Pernambuco, muito chama a atenção de estudiosos de diversas áreas. Isto ocorre principalmente por uma intensa vida social materializada, nos dias

¹ Em Roger Chartier encontramos uma definição do que seria a História Cultural que adotamos em nossa pesquisa: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002, p. 16-17.

² VOVELLE, Michel. A História e a Longa Duração. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A Nova História*. Coimbra: Livraria Almedina, 1978, p. 366.

³ Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1937, registrado no Livro de Belas Artes, processo 0003-T-38, incluindo todo o seu acervo.

atuais, pelas romarias quase ininterruptas que ocorrem todos os anos⁴, para o culto do Santo Cristo, a imagem central da capela mor da igreja do Convento de Santo Antônio e que se encontra em Ipojuca desde 1663.

O Convento de Santo Antônio de Ipojuca é um dos mais antigos da Ordem Franciscana em território brasileiro, tendo autorização dos superiores da Ordem para sua fundação em 1606⁵, sua construção iniciada no ano de 1608⁶.

Encontramos em Ipojuca a construção de uma espécie de mito⁷ relacionado à origem do Santo Cristo⁸. Sua história se mantém a partir de relatos orais a respeito da chegada e da procedência dessa imagem que passou a ser vista como possuidora de poderes, capaz de atender as graças daqueles que as solicitarem. Através do frei Antônio de Santa Maria Jaboatão é possível saber que ela veio de Portugal para o Brasil, no entanto a origem da sua criação é desconhecida⁹.

Os santuários no Brasil se tornaram grandes centros de devoção e romarias, presentes principalmente a partir da metade do século XVIII¹⁰. O culto ao Santo Cristo, no entanto, é anterior a este período sendo realizado desde o século XVII segundo Frei

⁴ A procura para visitas a imagem do Santo Cristo tem seu maior fluxo entre os meses de dezembro e janeiro.

⁵ O padre Leonardo de Jesus, em 1606 desempenhando pela segunda vez o cargo de custódio da Província Franciscana no Brasil, promoveu a fundação simultânea dos conventos franciscanos do Rio de Janeiro, Recife e Ipojuca.

⁶ JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Parte Segunda, vols. 1, 2 e 3. Reprodução fac-similar das Edições de 1859, 1861, 1862. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980.

⁷ Mircea Eliade dá a seguinte definição de mito: "O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio. E esclarece mais: "O mito é pois a história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo." In. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 84.

⁸ O mistério é um elemento que geralmente pode ser encontrado nas origens desse tipo de fenômeno de fé, os quais geralmente os possui relacionados a sua origem. No caso de Ipojuca principalmente no que se refere ao seu surgimento, não sendo o Santo Cristo diferente.

⁹ Existem ainda outros elementos que reforçam o mistério que se encontrou em torno da imagem do Santo Cristo. Sua permanência em Ipojuca é atribuída a vontade dos bois que conduziam o carro de boi que levaria a imagem para outra localidade. Os animais se negavam a andar, mas deixados a sua própria vontade tomaram o rumo de Ipojuca. A partir disso é que o capitão Delgado resolveu deixar a imagem no convento e mandou que se construísse uma capela para ela.

¹⁰ AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978, p. 52.

Jaboatão¹¹. Esses santuários exerceram influência na conservação da fé e da religiosidade do povo brasileiro. Ao contrário do que aconteceu com muitos santuários o do Santo Cristo já surge como um centro de peregrinação, sendo venerada desde a sua chegada.

Refletimos ainda neste trabalho sobre as especificidades da arte barroca que embeleza este monumento histórico, cuja imagem é a única venerada no Brasil em que o Cristo é representado com os braços abertos para o alto. Durante toda a realização da nossa pesquisa não tivemos ciência de uma outra imagem semelhante que seja objeto de romarias.

A nossa pesquisa tem como pretensão contribuir para a compreensão desse fenômeno humano da devoção que se estabeleceu no Brasil, mais especificamente no Estado de Pernambuco e na cidade de Ipojuca, a partir do surgimento do Convento de Santo Antônio e posteriormente do Santuário do Santo Cristo localizado neste mesmo convento, ambos pertencentes ao século XVII.

Estando inserido na História Cultural nosso tema fez com que fossemos levados a uma interdisciplinaridade. Entendemos interdisciplinaridade não como uma amalgamação de disciplinas, mas como uma troca de conceitos, onde a História procura estabelecer um diálogo no que diz respeito aos seus métodos e objetos com as outras disciplinas¹², tais como a Etnologia, Antropologia, Sociologia e outras. Essa interdisciplinaridade se fez mais presente nas nossas abordagens a respeito da devoção.

Para alicerçar nossa pesquisa, no campo da História Cultural, que se figura como multidisciplinar, recorreremos a autores que fornecem subsídios teóricos e metodológicos sobre nosso tema, que abordaram a introdução e participação dos franciscanos nos primeiros tempos do Brasil.

¹¹ JABOATÃO, Op. Cit.

¹² VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

Enfrentamos na realização deste trabalho um problema quanto a escassez das fontes produzidas pelos franciscanos, tendo que recorrer a diversos fragmentos produzidos esparsamente.

Como fonte de pesquisa para analisarmos a fundação do convento, bem como a sua administração, temos o “*Livro dos Guardiões do Convento de Santo Antônio de Ipojuca*”¹³. Documento que fala desde a instalação do convento e seu primeiro guardião, passando pelo período de crise após a instauração do Diretório Pombalino e chegando ao século XX. Realizamos pesquisas com fontes primárias e secundárias existentes no *Convento de Santo Antônio do Recife* e na *Biblioteca do Instituto Franciscano de Olinda*.

Tivemos como uma das principais fontes para elaboração deste estudo, bem como para obtermos mais informações sobre os conventos e o movimento dos franciscanos no Brasil, o “*Novo Orbe Seráfico Brasílico*”¹⁴ do Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779) que se dedica na elaboração desta obra riquíssima em subsídios também para história do Brasil, devido à gama de informações apresentadas.

Nos valemos ainda do documento: “*Crônica deste Convento desde a Chegada dos Religiosos Alemães no ano de 1895*”. Possuímos cópia do original deste documento que é composto por relatos dos cronistas do Convento de Santo Antônio de Ipojuca, constituindo uma espécie de relatório anual das atividades realizadas no sobredito convento desde a chegada dos frades franciscanos que chegaram da Alemanha para reocupá-lo. Constitui-se como importante fonte sobre nosso tema por abordar com

¹³ Esse livro era um registro a respeito dos guardiões do Convento de Santo Antônio e foi publicado em 1967 pelo Frei Venâncio Willeke em separata da Revista do IHGP.

¹⁴ Este livro teve a sua primeira edição no ano de 1761, se constituindo em uma obra muito volumosa para ser elaborada por um homem apenas. Estudos buscam observar se o Frei Jaboatão escreveu sozinho ou foi seu organizador, como o do pesquisador Marcos Almeida, que no livro *História das Religiões no Brasil*, volume 1, trata da obra do Frei Jaboatão e sua relação entre História e Literatura. O exemplar do “*Novo Orbe*” que consultamos se encontra na *Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas* da UFPE. Devido a grande quantidade de informações e um pequeno tempo para elaboração deste trabalho nos limitamos apenas a sua parte segunda nos volumes 1, 2 e 3 da referida obra.

detalhes os fatos que envolviam o Santo Cristo e a devoção ao mesmo. Existe ainda nele um relato das condições em que o convento ficou após muitos anos de abandono, só vindo a ser reocupado a partir de 1895 pelos franciscanos vindos da Alemanha.

Foram bastante proveitosos os livros que abordam a instalação das missões franciscanas no Brasil como o livro *Missões Franciscanas no Brasil* do frei Venâncio Willeke. Esse livro nos mostra o panorama da instalação das sobreditas missões franciscanas em território brasileiro, informando detalhadamente o caminho dos religiosos que empreendiam as missões no Brasil. Outra obra do frei Willeke de inequívoca necessidade para a construção da nossa pesquisa foi o livro *Convento de Santo Antônio de Ipojuca* onde encontramos diversas informações que consubstanciam nosso texto.

Entendemos que para estudarmos as questões relacionadas aos devotos e romeiros se fez necessário o emprego das técnicas da História Oral, realizando entrevistas em loco, gravadas em áudio. Foi através do relato oral que variadas gerações perpetuaram e ainda perpetuam sua cultura, com suas crenças, seus mitos, passados de uma geração para outra através da memória, geralmente, dos mais antigos. Cabe, portanto ao historiador utilizar-se destes relatos para a construção histórica, procurando extrair algo que possa contribuir para análise do problema a ser estudado.

Os testemunhos orais, por longo tempo, constituíram a base fundamental à História, nos primórdios de sua construção enquanto conhecimento racional, pois não havia a sistematização de documentos escritos, como nos modernos arquivos. Definindo-se como ciência no século XIX, a História fixou como fonte de verdade o documento escrito de forma que a tradição oral tornou-se insatisfatória para o que se apresentava como objetividade científica. A fonte oral reservava-se às sociedades sem escrita e classes populares. O retorno ao uso da história oral como fonte documental liga-se tanto à evolução das sociedades ocidentais quanto às mutações das ciências históricas.

A necessidade de conhecer as nossas origens, o que é possível também através dos relatos de gerações e o interesse dos historiadores por estudar os “excluídos da história” possibilitou o uso dessa metodologia de pesquisa. De outra forma, como seria possível apreender a história da vida cotidiana sem uma investigação de campo coerente com o proposto? A documentação escrita não seria suficiente para uma compreensão da realidade. Faz-se necessário, portanto, os depoimentos do sujeito dentro de um plano temporal, e isso dá por si só, uma outra dimensão histórica ao trabalho do historiador.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado “*História, Religião e Religiosidades: considerações teóricas e metodológicas na historiografia brasileira*” buscamos realizar uma discussão sobre os principais aspectos historiográficos, teóricos e metodológicos acerca da relação entre os estudos de história, a religião e as religiosidades no Brasil, tendo como amostra o cenário que se desenvolve no santuário do Santo Cristo em Ipojuca.

No segundo capítulo intitulado “*Convento de Santo Antonio: sua História*”; procuramos identificar como se deu o surgimento do convento franciscano de Santo Antônio em Ipojuca. Fomos desde o ano de 1606, quando é fundado, passando por sua construção. Ainda nesse capítulo procuramos ter como propósito fazer uma breve abordagem sobre a sua arquitetura, fazendo inclusive, um comparativo entre este convento e o de mesmo nome localizado na cidade do Recife. Privilegiamos também nesse capítulo uma análise a respeito da atuação dos religiosos da Ordem Franciscana, estabelecidos no sobredito convento, no município de Ipojuca, onde estão presentes desde os tempos iniciais desta cidade na época do Brasil enquanto colônia portuguesa.

No terceiro capítulo, que intitulamos de “*O Santuário do Santo Cristo de Ipojuca*” buscamos apresentar a origem do santuário do Senhor Santo Cristo a partir da sua imagem que se tornou objeto de romarias à cidade de Ipojuca, tendo como base principal à narrativa do Frei Jaboatão. Procuramos traçar todo o histórico da imagem,

que por sinal tem seu primeiro mistério presente já na sua procedência. Além disso, tratamos de outro elemento que faz parte da devoção a imagem do Santo Cristo que é a cruz na qual a imagem fora afixada ainda no século XVII.

No quarto capítulo que intitulamos de “*Romaria e Devoção ao Senhor Santo Cristo de Ipojuca*”; visamos construir uma análise dos principais aspectos relacionados às romarias e devoções que passaram a acontecer em Ipojuca, mais especificamente ao santuário do Senhor Santo Cristo. Buscamos elaborar um estudo através do detalhamento dos elementos que podemos encontrar como característicos desse fenômeno religioso da devoção. Para tal desiderato intentamos estabelecer uma análise à cerca do significado da devoção para o homem considerado religioso e a presença dessa prática em Ipojuca.

Estudos como o que nos propusemos realizar ganham importância por inserir nos estudos históricos uma temática que observamos como de grande representatividade para a sociedade. São novas perspectivas históricas que se iniciam com estudos que visam analisar as atividades humanas de maneira mais integral e não somente em suas nuances sócio-político-econômicas, e sim valorizar também suas manifestações de crença.

Elementos da cultura do Brasil como este, voltamos a frisar, não deveriam mais passar despercebido da visão do historiador como vinha acontecendo, algo para o qual possivelmente podemos contribuir com a realização de pesquisas como esta visando observar historicamente quais os motivos que até agora levam milhões de pessoas a saírem de suas localidades e visitarem os santuários espalhados por todo o Brasil.

Acreditamos que essa pesquisa, além do seu caráter contributivo para historiografia brasileira, tem seu papel social, cooperando para o possível acesso da população de Ipojuca ao conhecimento de parte significativa de sua história.

2 – História, Religião, Religiosidades: considerações teóricas e metodológicas

Procuraremos apresentar neste capítulo algumas reflexões sobre a história, esse valioso campo do conhecimento humano, e sobre alguns de seus aspectos elementares. Nossa abordagem ao mesmo tempo que é uma reflexão, ambicionará ser didática.

Para nosso estudo buscamos usar algumas idéias teóricas levantadas por Peter Berger¹⁵. Duas idéias principais surgem a nossa visão após o estudo da obra de Berger. A primeira seria a questão da plausibilidade e a segunda a secularização. Antes de tratarmos dessas idéias principais que destacamos na obra do referido autor, gostaríamos de expor alguns dos seus pensamentos presentes em *O Dossel Sagrado*¹⁶, que apontamos como fundamentais na nossa pesquisa.

Para Berger, a sociedade é um fenômeno que se apresenta de forma dialética¹⁷ por ser um produto humano, que é produzida pelo homem e que age sobre ele. Esse processo dialético se desenvolveria em três etapas: a exteriorização, a objetivação e a interiorização. A primeira etapa seria a ação do ser humano no mundo. A Objetivação seria a ação do que foi produzido pelo homem, seja em termos materiais ou intelectuais, aquilo que se torna algo exterior ao humano. E a interiorização seria a absorção pelo indivíduo do que surgiu das duas etapas anteriores. Essa absorção não seria de maneira passiva, o indivíduo interage com o que irá assimilar. Seguindo esse

¹⁵ Peter Ludwig Berger nasceu na cidade de Viena na Áustria em 1929, emigrando na sua adolescência para os Estados Unidos da América aos 17 anos de idade. Terminou seus estudos no Wagner College. Em 1949 graduou-se em Sociologia em Nova York na New School for Social Research. Foi professor na Universidade da Geórgia e na Universidade da Carolina do Norte, posteriormente em Nova York na New School for Social Research e finalmente na Universidade de Boston. Nesta última universidade é diretor desde 1985 do Institute on Culture, Religion and World Affairs, do qual foi fundador, e ainda é professor de Sociologia e Teologia da Escola de Teologia da referida universidade. TEIXEIRA, Faustino. Peter Berger e a Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

¹⁶ Berger, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

¹⁷ Berger, *Ibidem*, p.15

pensamento Berger coloca a religião como o esforço humano de criação de um universo sagrado¹⁸.

O sagrado na perspectiva de Berger seria um poder misterioso atribuídos a elementos sejam materiais como criações objetivas humanas. A religião seria um instrumento de legitimação. Legitimação para ele é o que existe para explicar e justificar o mundo social, para manter a realidade do cotidiano dos indivíduos. Para Berger a religião ao mesmo tempo em que edifica pode ser destruidora, da mesma forma pode alienar e desalienar.

A alienação, além disso, é outra idéia discutida por Berger. E a religião seria um forte instrumento de alienação por criar uma falsa consciência¹⁹ que ele afirma ser muito importante, pois, ela dá sentido a vida dos indivíduos, mas que ao mesmo tempo lhe impõe limites no pensar e agir.

A primeira idéia principal que destacamos da obra de Berger é a questão da estrutura de plausibilidade, que seria uma espécie de “base”²⁰ da sociedade. Essa base estaria sustentando o mundo²¹ de determinada sociedade, e o seu enfraquecimento representaria uma queda para a sociedade que se encontra apoiada nessa estrutura. Como já fica destacado na expressão de Berger (estrutura de plausibilidade) a plausibilidade seria formada por uma estrutura composta pelos mais variados elementos constituintes do mundo de um indivíduo ou de uma sociedade. Esta estrutura de plausibilidade daria sentido a existência do ser humano, ao meio social em que está inserido.²²

¹⁸ BERGER, *Ibidem* p.38

¹⁹ BERGER, *Ibid.* p.99

²⁰ BERGER, *Ibid.* p.58

²¹ Esse mundo seria aquele sociologicamente estabelecido, um empreendimento coletivo, criado individualmente por cada um. Entenda-se por plausibilidade aquilo que dá sentido à vida do indivíduo, o meio social em que está inserido, sendo a religião um dos elementos basilares para a plausibilidade do seu mundo. Essa plausibilidade se faz presente para aqueles devotos e romeiros que buscam o Santo Cristo periodicamente desde o século XVII. (Grifo do autor)

²² BERGER, *Ibid.*

A segunda idéia que vemos como principal é a secularização, que Peter Berger aponta como um processo onde as instituições religiosas e os seus símbolos são retirados de setores da sociedade. A secularização para ele teria raízes mais antigas do que as que geralmente enfocam o surgimento do protestantismo. Mesmo reconhecendo o papel fundamental do protestantismo no processo de secularização ele aponta para a Antiguidade como ponto onde essa idéia passou a existir, mesmo como se fosse em gérmen.

O universo católico, segundo Berger, é mediado, existem vários elementos entre os homens e Deus, o que não ocorre no protestantismo que liga os homens diretamente com Deus, da mesma forma os elementos religiosos, para o protestante deixa de estar tão presente em seu cotidiano como para o mundo católico, o que significa uma mudança na vida dos indivíduos que trocaram sua estrutura de plausibilidade católica pela protestante.²³

A modernidade seria um fator primordial para a secularização, as duas andariam juntas. Uma sociedade que se industrializa estaria mais propícia à secularização do que as que se encontravam atrasadas em seu processo de industrialização.²⁴

Para Berger, as instituições religiosas sofreram como efeito do processo de secularização para os homens uma “crise de credibilidade”. A secularização viria trazer uma espécie falência nas estruturas de plausibilidade tanto no âmbito da consciência quanto no da sociedade, já que este fenômeno se deu nestas duas esferas. O que passa a se desenvolver é um pluralismo de idéias, religiosas ou não. Estabeleceria-se então, uma espécie de competição ou concorrência entre as instituições, não necessariamente religiosas, no sentido de seduzir os homens. Aquela que for mais atraente aos indivíduos terá uma fatia maior do mercado. Neste mercado, afirma Berger, as instituições religiosas passariam a se utilizar estratégias de marketing, a

²³ BERGER, *Ibid.*

²⁴ BERGER, *Ibid.*

terem metas de resultados para serem atingidos, uma verdadeira empresa da fé, na nossa visão.

Os grupos religiosos estariam muito parecidos uns com os outros, se aproximando em suas atividades que estariam cada vez mais semelhantes. Nos Estados Unidos da América, Berger cita como exemplo, existiriam acordos entre os grupos protestantes para que todos tenham seu espaço no mercado. Outro fator a esse respeito trazido por Berger é a questão do utilitarismo das religiões, onde a que se apresentar mais útil e se demonstrar mais relevante para a vida dos indivíduos poderia conquistar mais adeptos²⁵.

As religiões teriam seus conteúdos também afetados pelo pluralismo, com uma forte tendência secularizante. Este conteúdo estaria passível de sofrer mudanças de acordo com o pensamento que se encontra na moda em determinado momento e os teólogos estariam a serviço de suas instituições no sentido de legitimar aquilo que ela praticasse ou disseminasse para a sociedade.

A contribuição de Mircea Eliade²⁶ para nossa pesquisa tem se mostrado valiosa e indispensável na análise que nos propomos a realizar. Tanto no que diz respeito ao Convento de Santo Antônio quanto ao analisar a devoção ao Santo Cristo procuramos empregar o pensamento de Eliade, principalmente com relação ao sagrado e ao profano, presentes em nosso objeto de pesquisa.

²⁵ BERGER, Ibid.

²⁶ Mircea Eliade nasceu na cidade de Bucareste na Romênia em 13 de março de 1907. Estudou Filosofia na sua cidade natal, formando-se em 1928. Depois de formado seguiu para a Índia, onde estudou sob orientação do professor Surendranath Dasgupta, na universidade de Calcutá. Ainda na Índia publicou a novela *Isabel si apele diavolului*, em 1930. Doutorou-se em Bucareste no ano de 1933, defendendo sua tese na qual fazia uma análise sobre a Yoga. Em 1940 Eliade foi para Londres representar como adido cultural a embaixada da Romênia. De 1941 a 1944 residiu em Lisboa com a função de secretário de imprensa, também da embaixada romena. Desse período que passou em terras lusitanas uma das suas obras que ganhou destaque foi *Os Romanos, Latinos do Oriente*. Em 1945 foi para Paris, onde lecionou a disciplina Mitologia Comparada na École de Hautes Études, Sorbonne. Também foi professor do Instituto do Extremo Oriente de Roma e do Instituto Jung de Zurique. Ganhou reconhecimento internacional com a publicação internacional em 1949 da obra *O Mito do Eterno Retorno Arquétipos e Repetição*, que ele começou a escrever em 1945. Em 1956 Eliade foi ser professor da universidade de Chicago. Ficou nesta cidade dos Estados Unidos até falecer em 23 de abril de 1986, aos 79 anos de idade. Pesquisado em 18/02/2008.

No seu livro *O Sagrado e o Profano*²⁷ Eliade detalhadamente e de forma bastante compreensível constrói seu pensamento a respeito do sentimento religioso presente nos homens. Eliade tece considerações, além da manifestação do sagrado, sobre o espaço em que o sagrado se revela. Aborda também a distinção entre o tempo profano e o sagrado, a sacralidade da natureza e do mundo e a relação da vida humana com a santificada.

Podemos encontrar na obra de Eliade algumas teorias criadas por ele. Dentre elas a que nos parece a principal é a da hierofania, teoria esta que substancia sua obra. Para ele a hierofania seria a manifestação do sagrado, tudo aquilo que se revela sagrado seria uma hierofania. Toda e qualquer coisa que seja considerada sagrada por alguém ou por um conjunto de pessoas. Eliade apresenta vários exemplos de hierofania em sua obra tais como nas sociedades arcaicas considerassem pedras ou árvores como sagradas. Este elemento conviveria entre dois universos, o do profano, enquanto objeto, material; e do sagrado por ser eleito como algo que manifesta uma sacralidade, que é consagrado.

Metodologicamente o que ressalta aos olhos na leitura da obra de Eliade, principalmente na que nos baseamos para elaboração deste texto, é a comparação. Ele vai levantando comparações a partir dos variados exemplos que vai expondo. A partir desses exemplos ele constrói seus argumentos ou dá sentido aquilo que havia afirmado.

Este autor modifica algo que é motivo de discussão entre os estudiosos da História que se aplicam a pesquisar os fenômenos religiosos. Eliade, de certa maneira, modifica, ao nosso ver um paradigma ao colocar que os historiadores que estudam religião estão fazendo História das Religiões, acabando, por assim dizer, com um questionamento sempre presente sobre o viés adotado na elaboração de determinado

²⁷ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p133.

estudo. Eliade afirma que a religião é um fenômeno único e, portanto, não precisa ser enquadrado como História Social ou Cultural, por exemplo. Devemos lembrar sempre que um fato religioso acontece em um tempo e um espaço, não existindo assim o fato religioso isolado.

Além do exposto são bastante importantes para nossa pesquisa às noções de tempo e espaço sagrado, que seriam diferentes dos profanos. Para Eliade, o historiador das religiões deve ter como objetivo compreender o comportamento do homem religioso e fazê-lo compreensível aos outros²⁸. Essa é uma perspectiva da qual às vezes não fica clara ao se iniciar estudos sobre religião e que parece dar um papel social a esse historiador das religiões. Vemos em sua obra um aprofundamento sobre os elementos presentes na vida do homem religioso e a manifestação do sagrado em sua vida. Fatores muito importantes para o nosso estudo, onde estes elementos nós podemos analisa-los a partir do viés apresentado por Eliade.

Outro que nos fornece fundamentos teóricos para o nosso trabalho é Marx Weber²⁹ não procurou estabelecer um conceito organizador nem procurou difundir uma teoria geral da sociedade. Foi visto por muitos como sendo o anti-Marx, como um defensor da civilização ocidental, uma espécie de *Marx burguês*, ou coisa parecida. Ele estava muito mais preocupado com o caráter científico das Ciências Sociais.

²⁸ ELIADE, Ibidem. p133.

²⁹ Max Weber nasceu na cidade Erturt, na Turíngia no dia 21 de abril de 1864 em uma família de industriais protestantes. Em 1882 concluiu seus estudos pré-universitários e se matricula na Faculdade de Direito de Heidelberg. Em sua formação pôde se dedicar a disciplinas variadas como a Economia, a História, a Sociologia, a Filosofia e também o Direito. Este fato leva a muitos a considerar que ele pôde versar sobre estas disciplinas com liberdade e desenvoltura. Depois de concluir seu curso Weber trabalhou como livre-docente na Universidade de Berlim. Trabalhou como docente por períodos curtos em algumas universidades. Foi professor da Universidade de Freiburg 1894, e em 1896 da Universidade de Heidelberg. Problemas de saúde o fizeram abandonar a docência através de uma licença em 1898, só voltando a exercer essa atividade em 1903. Durante o período de licença foi internado por algumas semanas em uma casa de saúde para doentes mentais em 1899. Weber se dedica muito mais a outras áreas do que a docência tendo dirigido várias publicações em Ciências Sociais. Escreveu uma de suas obras de maior destaque *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* entre 1904 e 1905. Teve algumas conferências publicadas nos anos seguintes. Morre em 1920 em decorrência de uma pneumonia. Deixa incompleta a obra *Economia e Sociedade*, publicada após sua morte. Pesquisado em 18/02/2008.

Uma questão bastante interessante abordada por Weber é o carisma, que ganha um sentido especial para ele. O carisma seria uma qualidade rara de um personagem. O carisma seria uma força de inovação na sociedade.

O poder também é encontrado em Weber como sendo algo fundamental na história, em uma realidade hierarquizada, com um domínio efetivo de uma racionalidade, onde as sociedades se encontrariam organizadas segundo o poder que possuem, seja ele de que ordem for.

Sua teoria mais vista e difundida é aquela que norteia o livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, em que Weber desenvolve seu pensamento de que o capitalismo, para se desenvolver como se desenvolveu teve como elemento condutor a ética das igrejas surgidas após a Reforma Protestante, reforma esta que procurou ser contrária justamente a essência católica, a considerada tradicional. Traria esses reformados um novo espírito, onde o ócio era algo refutado. Seria assim uma modificação no espírito das pessoas. Aos protestantes a acumulação (no que se refere a valores monetários e não em bens móveis ou imóveis) era algo não só permitido como incentivado, ao contrário das sociedades católicas que não tinham essa prática. Estes e outros elementos da ética protestante teriam para Weber sido responsáveis pelo desenvolvimento do capitalismo, a partir desse novo espírito, com essa nova ética.

Metodologicamente Weber procura analisar os fatos através de um método que ficou conhecido como método compreensivo, onde ele procurava em um fato não só aquilo que está em sua superfície, mas aquilo que se encontra além do fato isolado, os outros fatos que o compõe ou são derivados dele. Uma ação humana em si não seria um fato se não houvesse um sentido por traz daquele fato. Ele prefere analisar o individual a estabelecer generalizações. Weber utiliza-se também da comparação na elaboração de seus trabalhos, como no livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, onde ele compara o universo protestante e o católico, tradicional, para construir seu pensamento.

Em Roger Chartier encontramos uma definição do que seria a História Cultural que adotamos em nossa pesquisa: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler³⁰”.

A História geralmente é associada, pelas pessoas que não a conhecem com maior profundidade, como algo que procura estudar o passado pelo passado. Aos historiadores são relegadas as coisas velhas, a poeira, tudo aquilo que não mais serve ao atual. Mas a História pode ser vista como resultante do presente e não do passado como pensam. Vemos o presente como algo fundamental para se compreender o passado. Suas indagações que fazem com que se procure o passado com o objetivo de se averiguar as origens das bases do presente.

Não há um determinismo na relação entre o presente e o passado. Um mesmo acontecimento não se repete de maneira absoluta, não podendo, portanto, dizer-se que o resultado de um acontecimento será repetido em outro acontecimento semelhante. O passado pode ser visto como uma referência, não tal e qual um modelo a ser seguido, repetido.

A História passou por transformações em sua forma de estudo e escrita. Ela já foi vista como narrativa, onde o narrador apenas se ocuparia em apresentar o acontecido, as causas destes não importam para o narrador, não existe método, apenas narrativa.

A História posteriormente se reveste de um pragmatismo. Com isso se procura evidenciar didaticamente os acontecimentos. Existe também uma preocupação em enfocar os erros apresentados pelo passado, procurando corrigir o presente.

³⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002, p. 16-17.

No século XIX é dada a História uma postura científica. O historiador deveria se preocupar com a verdade e com o método, passando a analisar criticamente as causas e as conseqüências dos acontecimentos em um determinado tempo e espaço. A partir do século XX os historiadores passam a abordar questões do cotidiano, da arte, etc.

Outros fatores da sociedade passam a ser estudados e vistos como essenciais na vida do homem. A verdade reveste-se de uma relativa incerteza. O conhecimento passa a ser provisório, descontínuo, limitado, outrossim não deixa de ser verdadeiro.

Encontramos diferentes concepções filosóficas para a História. Essas concepções se diferenciam quanto ao núcleo primordial da História, o seu ponto inicial. A concepção teológica da História coloca os acontecimentos atrelados a vontade divina, e tudo passa a ser explicado a partir de Deus³¹. Essa concepção justifica todos os tipos de acontecimentos, sejam eles catástrofes naturais ou guerras, como gerados pela religião. Várias obras foram elaboradas a partir desse princípio.

A concepção idealista da História, que teve na figura do filósofo alemão Hegel seu principal expoente³², via os acontecimentos conduzidos pelas idéias. Os fatos seriam o resultado da vontade do homem de evoluir, a partir de um princípio racional. Tudo seria desenvolvido pela idéia³³.

Em oposição à concepção idealista da História surgiu a concepção materialista da História, desenvolvida principalmente pelas idéias de Karl Marx e Friedrich Engels, a partir da publicação de suas obras como *Contribuição para a Crítica da Economia Política*³⁴. Todas as mudanças na sociedade não estariam no campo das idéias e sim

³¹ PLEKHANOV, **Reflexões sobre a História**. Lisboa: Editorial Presença, s/d. p.9.

³² No entanto, para Plekhanov, essa concepção da História estaria fundamentada no pensamento de Voltaire e daqueles que compartilhavam da mesma visão, divergindo da concepção teológica da História: “Se a concepção teológica da história pela vontade e a ação, direta ou indiretamente, de um ou mais agentes sobrenaturais, a concepção idealista [...] consiste em explicar esta mesma evolução pela evolução dos costumes e das idéias, ou da opinião como se dizia no século XVIII”. PLEKHANOV, *Ibidem*. p. 21.

³³ PLEKHANOV, *Ibidem*. p. 26.

³⁴ “As minhas pesquisas conduziram a este resultado: que as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser compreendidas por si próprias, nem pela pretensa evolução geral do espírito

no material. As preocupações humanas estariam no material, nas maneiras de sobreviverem e não nos aspectos ligados ao mundo das idéias.

É bastante interessante vermos a utilização dessa concepção materialista da História aplicada, por exemplo, a sociedade brasileira em autores como Nelson Werneck Sodré³⁵ e Caio Prado Júnior³⁶. Sempre foi difícil para os brasileiros terem condições de suprirem suas necessidades materiais. E isso, para quem defende essa concepção se refletiria na construção da História no Brasil. Teríamos uma História exaustivamente factual, desprovida de interpretação, reveladora do medo da elite das forças populares.

Existe ainda a concepção psicológica da História, cujo principal pensador é o historiador Peter Gay³⁷, onde os acontecimentos seriam reflexos do estado psicológico de determinada sociedade, dos aspectos espirituais manifestados por uma comunidade.

Atualmente, a História tem ampliado suas fontes, desligando-se apenas dos documentos escritos e passando a considerar o que antes era caracterizado como não-fonte para a História³⁸. Tudo aquilo que é produzido pela cultura faz parte da História. Os relatos orais, por exemplo, ganham novamente seu espaço anterior, já que muito do que foi escrito por Heródoto, considerado pai da História, teve como fundamento relatos orais.

Ao utilizar-se dos depoimentos de pessoas de todo o tipo como documento, a História ganha outra dimensão. Não mais está atrelada apenas ao relato escrito, oficial e, muitas vezes produzido por um grupo que pretende modelar a história e usá-la

humano, mas, ao contrário, deitam as suas raízes nas condições materiais de existência, cujo conjunto Hegel, a exemplo dos ingleses e franceses do século XVIII, compreende sob o nome de sociedade civil". MARX, Karl. Apud. PLEKHANOV, Op. cit. p49.

³⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1962.

³⁶ JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.

³⁷ GAY, Peter. **Freud para Historiadores**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

³⁸ PRINS, Gwin. História Oral. In: **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: EDUSP, 1992. p 170-171.

conforme uma arma favorável a seus interesses. Vemos que ocorre assim uma valorização das pessoas, dos indivíduos, aquelas que eram consideradas comuns, relegadas à margem da História passam a ser fontes valiosas por serem outros observadores dos acontecimentos acumulados em suas memórias.³⁹

Para se realizar uma pesquisa as fontes não devem ser tão somente abundantes, mas a qualidade das mesmas é primordial. Isso vai de encontro ao que muitos historiadores consideravam, e ainda consideram, de que quanto mais fonte melhor. Mas o principal numa fonte seria conseguir responder as perguntas da pesquisa. Nem sempre a grande quantidade delas consegue responder o que um número menor de fontes pode responder. É necessário ainda saber o que perguntar. Se a pergunta não for bem formulada dificilmente as fontes darão uma resposta consistente, satisfatória.

A História, vindo a dilatar as suas metodologias e técnicas, passa a valorizar o que antes ficava confuso, como um simplório apêndice, sem aparente valor diante dos acontecimentos históricos. Os centros acadêmicos têm dado demonstrações de que a sociedade é algo muito mais elástica do que se pressupunha até meados do século XIX, anteriormente ao surgimento da Sociologia.

Com a execução de análises mais estruturadas das sociedades, temos, por exemplo, a religião, um dos seus elementos constitutivos, passando a ser mais estudada nos seus múltiplos aspectos não está mais ligada tão somente as suas relações com o poder, principalmente a Igreja Católica e suas ligações com os Estados.⁴⁰

Mircea Eliade demonstra a relação do religioso com a história através da comparação entre o sentido que o culto da Terra-Mãe teria em uma sociedade pré-agrícola do que numa sociedade com a agricultura já estabelecida: “Há, portanto, uma

³⁹ PRINS, Gwin. Ibidem. p190.

⁴⁰ HERMANN, Jaqueline. “História das Religiões e Religiosidades”. In: **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997

diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história”.⁴¹

A história religiosa passou, segundo Dominique Julia, nas décadas de 1960-70 por uma renovação na sua problemática e na metodologia devido a fatores interligados. Em primeiro lugar seria o fim da história considerada apologética, confessional e majoritariamente clerical⁴², onde os padres não mais escreviam como antes, defendendo a todo custo os mais escabrosos feitos da Igreja. Hoje essa história recebe a contribuição de universitários afetados por questões de seu tempo e pela “evolução” que a própria disciplina teve.

O historiador da religião, segundo Julia, permanece sendo um praticante da mesma igreja que estuda, no entanto, isso não afeta sua produção como antes. A partir da década de 1950 ocorreram movimentos de transformações em diversas religiões antigas, principalmente na Igreja Católica, em seu interior, havendo a transformação em seu cenário em relação as suas normas, com mudanças no seu ritual, ao seu recrutamento, com o declínio das vocações, as suas práticas, como no batismo ou nas confissões, e na sua coerência teórica, como a rejeição ao mundo moderno⁴³. Com o crescimento protestante o historiador da religião passa a “se interrogar sobre a pertinência dos seus critérios de análise (prática religiosa, frequência dos sacramentos) e sobre a ambigüidade que ele observa na história.”⁴⁴

A história, para Julia, não ficou parada em face dessas mudanças. A história religiosa estaria na encruzilhada de diversas correntes, despertando interesse nos que enfocavam a cultura, o social, o econômico e o demográfico⁴⁵. Esses novos estudos nas décadas de 1950/60 ganham uma aliada, buscam estudar seus objetos a partir dos

⁴¹ ELIADE, Mircea. Op. Cit. p.22.

⁴² JULIA, Dominique. “Religião”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (orgs.) **A Nova História**. Coimbra: Livraria Almedina, 1978. p.545.

⁴³ JULIA, Dominique. op. cit. p.545-551.

⁴⁴ JULIA, Ibidem.

⁴⁵ Esta é uma tendência da Escola dos Annales, segundo José Carlos Reis. REIS, José Carlos. **A História: entre a Filosofia e Ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p.66.

referenciais teóricos da Sociologia, adaptando-se mesmo aos objetos mais antigos, dando a estes novas roupagens⁴⁶.

Outra contribuição importante no avanço da história religiosa seria a influência da Etnologia, oferecendo também seu aporte, principalmente metodológico no estudo das religiões.

A principal tendência foi relacionar as questões religiosas com “as estruturas sociais de cada época estudada”. Aos historiadores das religiões foi sendo possível realizar a análise de elementos que permitem um estudo mais profundo, tendo como consequência uma ampliação de objetos estudados, que podem ter sentidos diferentes em outros lugares e/ou tempos.

Novos caminhos para o historiador são apontados por Julia. O historiador pode analisar um único objeto levando em consideração as características do seu tempo. São enfocadas outras temáticas sobre outros aspectos religiosos como a história das doutrinas e das espiritualidades saindo do plano ideológico ou literário. Os historiadores podem buscar descobrir as relações das religiões com os conflitos no campo social.

Hoje encontramos diversos trabalhos e pesquisas voltados ao tema da religião, enfocando as práticas e experiências, ou seja, as religiosidades, a partir da História. As religiosidades entendidas como fenômeno histórico, não apenas podendo ser estudadas pela Antropologia ou Sociologia, mas como uma área de estudo da qual a História não pode se furtar, se entendemos um homem como um ser histórico.

Isso nos remete a outra perspectiva para o estudo atual da História, a interdisciplinaridade. A História passa a se relacionar com a Sociologia, a Antropologia, a Lingüística, a Filosofia, a Psicologia, entre outras. Criou-se dessa forma uma espécie de relação de trocas. A História passou a utilizar referenciais teóricos das áreas do

⁴⁶ JULIA, Ibidem.

conhecimento acima citadas. Isso fez com que os historiadores passassem a perceber que na vida do homem não existe apenas a economia ou a política.

Temas como a sexualidade, a loucura, as doenças, a infância, os costumes, a feminilidade, a religiosidade, os sentimentos, etc. Os referenciais teóricos da Antropologia, por exemplo, têm-se mostrado fundamentais para os estudos dos fenômenos da religião. Assim, a História vê melhor o homem como ser múltiplo que é. Sendo assim, o historiador precisa desenvolver uma sensibilidade para estudar as questões humanas.

Aliás, o historiador nos tempos atuais tem que estar consciente de todas estas questões que aqui levantamos, além de muitas outras. Não nos interessa discutir se o historiador é um cientista, um artista, um filósofo ou um literato, já que há perspectivas que vêem a História desta maneira. Outrossim, o historiador que se abre para outros conhecimentos terá maior capacidade instrumental na hora de exercer a sua profissão.

O tempo, questão elementar para a construção da História tem agora a perspectiva da simultaneidade, onde vários tempos são convergentes, como no tempo tribio observado na escrita do antropólogo Gilberto Freyre⁴⁷, onde os tempos são apresentados simultaneamente.

Vimos, portanto, que a História enquanto área do conhecimento humano veio sofrendo transformações na forma de ser elaborada. Deixou de ser apenas narrativa para apresentar questionamentos, mas ainda estava muito presa a moldes que não mais se adaptavam com o passar do tempo. Um cientificismo desnecessário.

Não entramos na questão da serventia ou utilidade da História por termos a percepção que esse é um tema por demais vasto e que merece uma outra reflexão, muito maior do que aqui apresentamos. Mas compartilhamos do que disse Marc Bloch,

⁴⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. Recife: Imprensa Oficial, 1966, Prefácio a Primeira Edição, XXXII-XXXIII

segundo José Carlos Reis: “ainda que a História não tivesse nenhuma utilidade, serviria ao menos para nos divertir. Satisfaz, antes de tudo, um gosto, uma curiosidade.”⁴⁸

Na nossa perspectiva a Historiografia se constitui como a crítica da História sobre a própria História. Dito de outra maneira, a análise sobre como se elabora o conhecimento histórico a partir de suas construções temáticas, metodológicas, teóricas, fontes primárias, secundárias e até mesmo suas técnicas. Para Carlos Fico e Ronaldo Polito, além do que apresentamos acima, seria incluída a avaliação da recepção e circulação do conhecimento histórico, principalmente pelo público discente, na influência que pode exercer⁴⁹.

Gilberto Freyre, analisando a formação do Brasil insere o fator religioso como um dos fundamentos da mentalidade do povo brasileiro. E esse é um aspecto do qual não nos distanciamos para realização da nossa pesquisa e fizemos comparações sempre na medida do possível entre o exposto por Freyre e o que nossa pesquisa nos trouxe.⁵⁰

Freyre, considerado como um dos precursores da História Cultural, traz em suas obras os meandros que compunham a malha social do período colonial no Brasil, trazendo com isso a superfície os diversos padrões culturais, presentes nos mais distintos espaços cotidianos, extraindo o que estava presente no interior de elementos que constituíam aquele cenário social tais como a casa-grande, a senzala, a igreja, a culinária, as brincadeiras entre outros fatores. Estes ganham vida com a escrita de Gilberto Freyre⁵¹.

Em *A Propósito de Frades*⁵², Freyre analisa a participação dos religiosos franciscanos na formação da mentalidade do povo brasileiro, nos fornecendo informações fundamentais para consubstanciarmos nossas visões sobre o Convento de

⁴⁸ REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e Ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p.88.

⁴⁹ FICO, Carlos, POLITO, Ronaldo. **A História no Brasil; elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: UFOP, 1992. 2 v

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. *Ibidem*.

⁵¹ FREYRE, Gilberto. *Ibid*.

⁵² FREYRE, Gilberto. **A Propósito de Frades**. Recife: Progresso, 1954.

Santo Antônio de Ipojuca. Para ele, a construção dos conventos em várias regiões do Brasil exercia grande influência no cotidiano das localidades que os recebiam. Podemos observar que o convento franciscano em Ipojuca atuou desde a sua construção como um ponto de convergência daquela sociedade. Principalmente após a chegada do Santo Cristo em 1663, onde o convento passou já naquela época a ser um lugar de visitação dos católicos de Pernambuco.

Dentro da nossa temática é a partir da década de 1970, na América Latina, com o surgimento da CEHILA – Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe – que os estudos sobre a história do cristianismo, mais especificamente da Igreja Católica e posteriormente de igrejas protestantes, começa a ser produzida de uma maneira mais sistemática.

A CEHILA em seu início adota um viés fundamentalmente centrado nas questões concernentes ao relacionamento entre a Igreja Católica e o Estado, adotando uma perspectiva marxista de análise, uma história teológica, deixando para traz o estudo das religiosidades, dando maior relevância ao caráter político da religião. O enfoque estaria nos grupos considerados como excluídos da sociedade, os marginalizados: os índios, os negros, os pobres, etc.

Somente a partir da coletânea *História das Religiões no Brasil*, sob organização da historiadora Sylvana Brandão, é que a CEHILA vem mudando sua perspectiva, passando a figurar como seu objeto de estudo os elementos da religiosidade, abrindo as portas para outras religiões, não somente as cristãs, e estudando aspectos como a devoção e as romarias.

Na historiografia produzida pelo Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe⁵³ (CEHILA) se apresenta como figura de destaque para nossos estudos o historiador Riolando Azzi. Para quem se arvora em realizar pesquisas

⁵³ No Brasil a CEHILA muda de “comissão” para “centro”, mas a distinção fica apenas na nomenclatura devido a questões legais. (Grifo do autor)

como a nossa se tornam fundamentais as suas obras sobre a religiosidade católica durante o período do Brasil ainda enquanto colônia portuguesa.

Temos ainda dentro dessa historiografia, tratando também da formação católica do Brasil o historiador Eduardo Hoonart. Esse foi outro estudioso com o qual dialogamos sobre aspectos do nosso tema na construção dessa pesquisa principalmente na formação do catolicismo brasileiro.

O historiador Marcos Almeida, também integrante do CEHILA, e seus estudos sobre o *Novo Orbe Seráfico* do Frei Jaboatão apresenta excelente contribuição na compreensão dessa valiosa fonte que retrata com bastante riqueza de detalhes a inserção e atuação dos religiosos franciscanos em terras brasileiras, analisando o papel da referida obra e sua contribuição para se compreender os cenários dos séculos XVI, XVII e XVIII no Brasil. Não tivemos em nosso trabalho tal abordagem sobre a obra do Frei Jaboatão, mas como foi necessário entende-la e da mesma forma compreender o cenário em que ela foi construída podemos encontrar nos textos de Marcos Almeida uma valiosa contribuição.

Buscamos dialogar com a historiadora Laura de Mello e Souza que pode ser vista como uma das precursoras nos estudos da religiosidade, dentro da perspectiva da Nova História Cultural no Brasil. Em sua obra *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*⁵⁴ ela procura tecer uma análise sobre o estabelecimento da colônia, seus modos e diretrizes e a visão sobre o Brasil que estava no imaginário europeu. Ela procura ainda examinar a natureza da religiosidade do Brasil colonial, escrevendo com detalhes as práticas místicas que faziam parte do cotidiano da época. Apesar de nosso enfoque ser na religiosidade católica, seus estudos foram bastante eficazes para entendermos a mentalidade da época.

⁵⁴ SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Diante de tudo isso temos a visão de que se dedicar à história, e ainda mais a história das religiões, é buscar compreender toda a complexidade da vivência do homem em sociedade, que se mostra elemento de grande riqueza e de uma complexidade impar.

3 – O Convento de Santo Antônio de Ipojuca

Neste capítulo procuraremos enfatizar a instalação do Convento de Santo Antônio de Ipojuca e a sua presença no contexto desta cidade. É um dos conventos mais antigos da Ordem Franciscana em território brasileiro.

O município de Ipojuca está localizado a 57km da capital do estado de Pernambuco. Tem uma população de mais de 59 mil habitantes⁵⁵, predominantemente urbana. Dentre suas atividades econômicas destacam-se o turismo (principalmente na praia de Porto de Galinhas), serviços e indústrias de transformação (em destaque encontramos aquelas que já se instalaram na região do Porto de Suape, região que contará ainda com a presença de outras indústrias de grande porte como a construção de um estaleiro e de uma refinaria de petróleo).

Ipojuca teve sua colonização iniciada no século XVI, por volta de 1560 quando se expulsou a população indígena naquela região segundo a afirmação do frei Willeke. A sede da vila era a povoação de Nossa Senhora do Ó, posteriormente passando a ser a povoação de São Miguel, que é o distrito sede do município nos tempos atuais.

3.1 - O Início da Ordem dos Frades Menores no Brasil

Os primeiros religiosos da Ordem dos Frades Menores chegaram ao Brasil junto ao grupo de Pedro Álvares Cabral no ano de 1500. Formavam um grupo de oito religiosos que tinha por superior o frei Henrique de Coimbra, a quem foi atribuída a realização da primeira missa nas novas terras. No entanto, o frei

⁵⁵ Segundo o Censo Demográfico 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Henrique e os demais religiosos seguiram para as Índias, tendo em vista que era este o objetivo que os levou a compor o grupo de Cabral⁵⁶.

O ano de 1584 representa o início da presença permanente e estruturada dos franciscanos no Brasil⁵⁷. Contudo, isto não se deu por iniciativa dos frades menores e sim a partir do pedido do Governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque, ao Ministro Geral da Ordem frei Francisco Gonzaga, que decretou a criação da custódia, no Capítulo da Província de Santo Antônio, em Lisboa, realizado no dia 13 de março de 1584.⁵⁸

Esta custódia teve como sede a cidade de Olinda, em Pernambuco, que abrigou os frades menores que chegaram no dia 12 de abril de 1585 e que fixaram residência no convento de Nossa Senhora das Neves, doado por Dona Maria da Rosa, no dia 4 de outubro do mesmo ano. Desde então os religiosos começaram a realizar suas atividades, realizando missões entre os índios, erigindo igrejas e conventos e exercendo funções pastorais entre os colonos⁵⁹.

A expansão da custódia ocorreu de maneira relativamente rápida e em 1647 ficou independente da Província de Portugal, passando a ser autônoma com a autorização do papa Inocêncio X⁶⁰. Em 1657 foi elevada a condição de província pelo papa Alexandre VII, sendo chamada a partir de então como Província Franciscana de Santo Antônio⁶¹.

Dois anos depois, em 1659, a Província possuía 20 conventos, construídos através da colaboração dos colonos, que doavam terrenos, material de construção além da mão-de-obra. Vejamos a lista destes conventos:

- 1- Convento de Nossa Senhora das Neves – Olinda, 1585

⁵⁶ Site: www.franciscanos.org.br Acessado no dia 25/02/2008.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Site: <http://ofmsantoantonio.org/provinci.php> Acessado no dia 27/02/2008.

⁵⁹ Site: www.franciscanos.org.br Acessado no dia 25/02/2008.

⁶⁰ Site: <http://ofmsantoantonio.org/provincia.php> Acessado no dia 27/02/2008

⁶¹ Site: www.franciscanos.org.br Acessado no dia 25/02/2008.

- 2- Convento de São Francisco – Salvador, 1587
- 3- Convento de Santo Antônio – Igarassu, 1588
- 4- Convento de Santo Antônio – Paraíba, 1589
- 5- Convento de São Francisco – Vitória, 1591
- 6- Convento de Santo Antônio – Recife, 7 - Rio de Janeiro e 8 - Ipojuca , 1606
- 9- Convento de Santo Antônio – Sergipe, 1629
- 10-Convento de São Francisco – Sirinhaém, 1630
- 11-Convento de Santo Antônio – Santos, 1639
- 12-Convento de São Francisco – São Paulo, 1639
- 13-Convento de São Boaventura – Casserebu, 1649
- 14-Convento de Santo Antônio – Paraguaçu, S/D
- 15-Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha, 1650
- 16-Convento de São Bernardino – Ilha Grande, 1650
- 17-Convento de Santo Antônio – Cairu, 1650
- 18-Convento de Nossa Senhora da Conceição – Itanhaém, 1655
- 19-Convento de Bom Jesus da Glória – Sergipe Del Rei, 1657
- 20-Convento de Nossa Senhora do Amparo – Ilha de São Sebastião – SP, 1659⁶²

3.2 - Os Franciscanos em Ipojuca

O convento de Santo Antônio recebeu autorização dos superiores da Ordem para sua fundação em 1606 através da junta capitular realizada no dia 28 de outubro. Sua construção foi iniciada no ano de 1608⁶³, após os religiosos terem passado o ano de 1607 em um processo de coleta de materiais de construção.

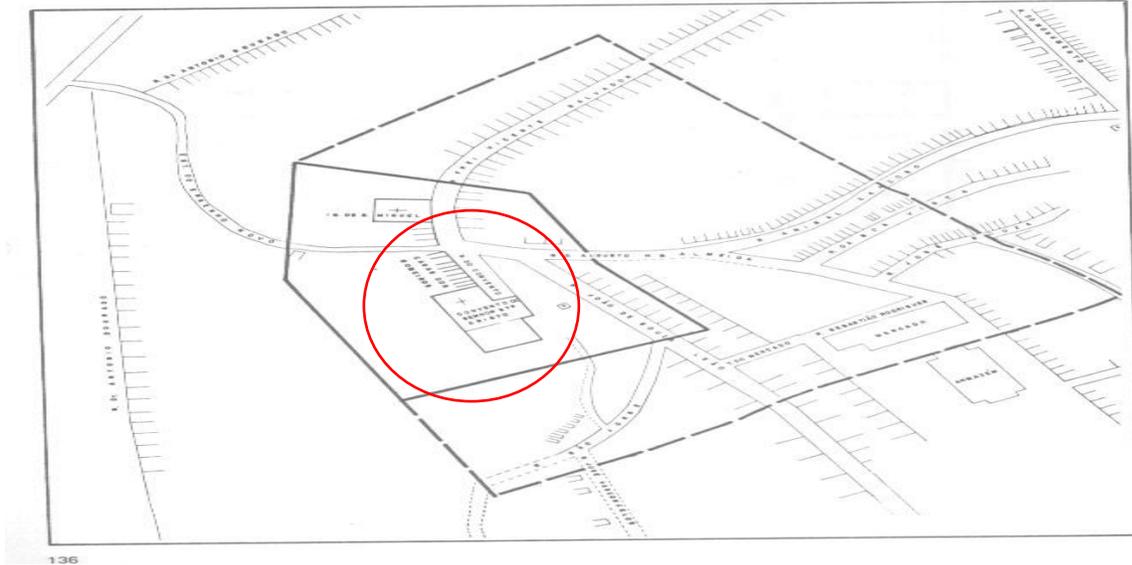
Na figura 1, que apresentamos abaixo, temos a localização do Convento de Santo Antônio dentro do espaço urbano da cidade de Ipojuca, estando no ponto

⁶² Disponível em: www.franciscanos.org.br Acessado no dia 25/02/2008.

⁶³ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Parte Segunda, vols. 1, 2 e 3. Reprodução fac-similar das Edições de 1859, 1861, 1862. Recife: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980.

mais alto (destacado com um círculo), podendo ser visto de longe, antes mesmo de se chegar à sede do município, seja pela rodovia PE-060 ou pela PE-042.

Figura 1- Plano urbano do centro da cidade de Ipojuca.



Fonte: Reprodução do Plano de Preservação dos Sítios Históricos do Interior/PPHSI

Para Pereira da Costa muitos foram os que contribuíram na construção do convento. A construção inicial só terminou em 1612, mas já em 1609 os franciscanos, que estavam morando em uma casa de taipa construída nas proximidades, puderam transferir-se para o convento em construção⁶⁴.

Não se tem com precisão quando a atual construção do convento foi realizada, mas segundo declaração do frei Jerônimo do Patrocínio de São José que encontramos no Livro dos Guardiães, a construção pode ser do terceiro terço do século XVII, por volta de 1660, mesma época da construção da capela e entronização do Santo Cristo⁶⁵.

⁶⁴ PEREIRA DA COSTA, F. A. **Anais Pernambucanos**, vol. VI, p

⁶⁵ Segundo estudo do Plano de Preservação dos Sítios Históricos do Interior/PPHSI todo o edifício do Convento e a Igreja pertencem ao século XVII e corresponde bem ao estilo da fachada e do claustro existente na época. (Grifo do autor)

*Francisco Dias Delgado, proprietário rico daquele tempo de fundação do Convento, senhor de engenho Trapiche e das terras desta povoação foi quem edificou este convento à sua custa e o entregou aos religiosos franciscanos pelas chaves*⁶⁶.

Francisco Dias Delgado além de grande contribuição na construção do convento doou aos religiosos mais uma área de terras como vimos em trecho de documento escrito pelo frei Jerônimo do Patrocínio de São José encontrado em Pereira da Costa: "... e doou além da cerca murada que temos, mais terras extra muros, para logrador e matas para lenha, demarcadas com os competentes marcos..."⁶⁷

Estas terras, doação de Francisco Dias Delgado, segundo o frei Jerônimo do Patrocínio de São José, ficaram de posse dos franciscanos até o ano de 1822:

*E tendo o senhor de engenho naquele tempo, Joaquim Pedro do Rego, de levantar outro engenho anexo às nossas terras, denominado Bom Jesus, ou Conceição Nova, pediu em confiança os títulos de nossas terras ao prelado atual, que era naquele tempo o padre pregador frei Antônio de Santa Margarida, o qual lhas deu, como ele mesmo confessou perante testemunhas*⁶⁸.

Entretanto, como veremos o acordo não foi cumprido: "[...] e tendo de entregar ao convento a outro guardião, e com ele os títulos das terras, este foi protelando com desculpas que afinal, nem aquele e nem a outro algum guardião, as entregou mais."⁶⁹

Estas terras foram de maneira sorrateira anexadas ao patrimônio do engenho Conceição Nova, ficando depois sob o poder dos herdeiros de Domingos da Costa, dono do engenho Embassica, que adquiriu o Conceição Nova. Os franciscanos

⁶⁶ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. Op. Cit.

⁶⁷ PEREIRA DA COSTA, F. A. **Anais Pernambucanos**, vol. VI, p.270.

⁶⁸ PEREIRA DA COSTA, F. A. Idem.

⁶⁹ PEREIRA DA COSTA, F. A. Idem.

foram enganados, segundo o frei Jerônimo do Patrocínio de São José, não conseguindo reaver suas terras nem delas tirar algum proveito.

A doação, seja de terras ou de outros bens, para religiosos das diversas ordens, era uma prática exercida com frequência por indivíduos abastados, em destaque os senhores de engenho, no entanto não encontramos com facilidade relatos do tipo de atitude tomada por Joaquim Pedro do Rego de se apropriar de terras que pertenciam ao convento de Ipojuca.

Francisco Dias Delgado e sua esposa Catarina Morena deixaram em testamento dez mil réis a serem doados todos os anos para o altar da capela, que seriam pagos ao síndico do convento de Santo Antônio de Ipojuca em dinheiro, passando essa responsabilidade para a sua família, através de filhos, netos e gerações posteriores. Pediram que fossem rezadas semanalmente duas missas em benefício de suas almas e seus mortos.⁷⁰ Deixaram cópia do testamento para os religiosos com a finalidade que eles pudessem estar cientes da responsabilidade que deixariam ao morrerem⁷¹. Este tipo de atitude demonstra quanto os indivíduos eram temerosos em relação ao futuro no pós-morte, procurando assim garantirem através de testamento o cumprimento de suas promessas e do devido retorno que os religiosos deveriam realizar pelos benefícios recebidos.

Outras famílias se comprometeram em contribuir com o convento, mas não cumpriram, como o exemplo exposto por Willeke, de João Navalhas, dono do engenho Sabiró de Riba, em que nem ele nem sua família cumprem com a promessa de doar determinada quantia não explicitada para o convento.

Seria importante frisarmos que a regra da Ordem Franciscana proíbe que individual ou comunitariamente os religiosos tenham posse de propriedades e

⁷⁰ WILLEKE, Frei Venâncio. Op cit. pp.21

⁷¹ Podemos constatar o cumprimento dessa vontade do capitão Francisco Dias Delgado e da sua esposa no documento datado de 8 de abril de 1797, onde ainda se cumpre tal determinação. Não se fala se as missas são celebradas, apenas da obrigação da família do referido capitão em fazer doação anual para cuidar do altar do Santo Cristo. AHU doc 13654.

patrimônios. A Sé Apostólica, segundo Willeke, era a proprietária dos conventos e demais bens. Eram os franciscanos proibidos de aceitar espórtulas de missas até o começo do século XVIII. Restava-lhes pedir esmolas. Sendo assim, para Willeke, seria justo pedirem graças régias⁷².

O convento de Santo Antônio de Ipojuca recebia anualmente uma pensão da Coroa Portuguesa no valor de noventa mil réis, benefício conferido pela Provisão de 29 de abril de 1620. O recebimento dessa ordenança permanecia o mesmo no ano de 1797, segundo documento⁷³ enviado pelo então guardião frei Francisco de São Bernardo em que relata os bens e benefícios que possuía o convento ipojucano.

Ao lado da igreja do convento encontra-se um conjunto de casas em alvenaria, que são chamadas de “casas dos romeiros”. Estas casas servem de apoio as pessoas que seguem em romaria à cidade de Ipojuca para visitar o Santo Cristo. Com isso observamos uma pratica devocional de certa maneira consolidada, erguendo-se uma estrutura para benefício dos seus visitantes, tendo em vista que ali eles podem repousar, alimentar-se, matar a sede e utilizar os banheiros existentes.

No antigo cemitério, que ficava no corredor do claustro, localizado ao lado da nave da igreja conventual⁷⁴, está sepultado o frade leigo Gaspar de Santo Antônio, que morreu aos 93 anos de idade. Segundo assevera Jaboação, o frade Gaspar era chamado de “primogênito” por ser o primeiro brasileiro a usar o hábito franciscano. Ele teria se juntado aos franciscanos em 1585, tendo ido estudar no convento de Nossa Senhora das Neves em Olinda. Registrando o fato, existe uma placa no sobredito corredor, que na época servia de cemitério, onde não só ele, mas outros religiosos foram sepultados.

⁷²WILLEKE, Frei Venâncio. O Convento de Santo Antônio de Ipojuca. Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1956. pp.23

⁷³ A. H. U. Documento número 13.564

⁷⁴ Para melhor visualização observar planta baixa do Convento no corpo deste trabalho.

Figura 2- Placa no corredor do claustro



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, s/d.

A construção da capela para o Senhor, ou Santo Cristo de Ipojuca como é chamado vulgarmente no destaque do Frei Jaboatão⁷⁵, tem início no ano de 1663, mais precisamente no dia 4 de novembro, e foi finalizada em 1665, mesmo ano que a imagem foi colocada nesta capela. Não encontramos registro que elucidasse o motivo de sua construção, o que, aliás, é outro déficit para nossa pesquisa, as obras eram realizadas, mas não ficavam registradas.

Não podemos confundir a construção dessa capela com a igreja conventual, já que essa capela, como nos mostra a planta do convento, é um apêndice na nave da igreja. Desde o dia 1 de janeiro de 1936 a capela que foi construída para o Santo Cristo está ocupada pela imagem do Sagrado Coração de Jesus, após a imagem do crucificado ser colocada no altar-mor da igreja.

⁷⁵ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. Op. Cit. Geralmente esse tipo de imagem recebe o nome de Bom Jesus, mas o de Ipojuca ficou denominado de Santo Cristo. (Grifo do autor)

Figura 3- Antiga capela do Santo Cristo ocupada hoje pelo Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, s/d.

Observamos como esse convento foi erigido e faz parte indelével do contexto sócio-cultural de Ipojuca há mais de 400 anos. Ao chegarmos na cidade avistamos de imediato toda a beleza do cenário formado pelo casario no centro da referida cidade tendo como destaque o convento de Santo Antônio, que faz parte deste município desde o século XVII.

3.3 - Em nome de Santo Antônio

Dos vinte conventos fundados entre 1585 e 1650 nove receberam o nome de Santo Antônio. Dos três que receberam permissão da junta capitular para fundação em 1606, os do Rio de Janeiro, Recife e Ipojuca receberam o nome do santo português.

Santo Antônio, que tinha como nome de batismo Fernando Bulhões, nasceu na cidade de Lisboa no dia 15 de agosto de 1195, filho de Maria e Martinho

Bulhões⁷⁶. Sua família tradicional e abastada pôde lhe proporcionar boa formação. Aos dezesseis anos ingressa no mosteiro de São Vicente de Fora, da ordem dos agostinianos, em Lisboa. Três anos depois muda-se para Coimbra, para estudar. Nesta mesma cidade em 1219 foi ordenado sacerdote. No mesmo ano entra em contato com franciscanos vindos de Assis. Passa a se interessar pelo modo de vida destes religiosos. E no ano seguinte se transfere para Ordem Franciscana, na qual foi recebido e lhe foi dado o nome de Frei Antônio. Em 1221 conhece São Francisco de Assis, fundador da ordem que ele adotara. Participou de missões no Marrocos e fez pregações na Itália, na França e em Portugal⁷⁷.

Por ser possuidor de um alto nível de conhecimento teológico da Igreja Católica Romana ficou sobre sua responsabilidade a formação teológica dos seus irmãos da Ordem. Ficou conhecido por sua eloquência. Morreu no dia treze de junho de 1231 na cidade de Pádua na Itália⁷⁸. Menos de um ano depois de sua morte, no dia trinta de maio de 1232, foi canonizado pelo papa Gregório IX. Em 1946 o papa Pio XII lhe confere o título de Doutor da Igreja⁷⁹.

No Brasil o culto a Santo Antônio foi introduzido pelos portugueses que tinham muita veneração pelo santo conterrâneo. Logo, muitas igrejas e conventos fundados pelos portugueses recebiam seu nome. No Recife, a Ilha de Antônio Vaz passou a se chamar Ilha de Santo Antônio no século XVII⁸⁰ e no século XVIII foi construída a igreja do Santíssimo Sacramento do Santo Antônio, mais conhecida como Matriz de Santo Antônio, santo que está juntamente com o Santíssimo Sacramento no altar-mor da igreja, que conta ainda com a imagem de São Sebastião⁸¹.

⁷⁶ BARRETO, José Ricardo Paes. et al.; coord. PEREIRA, Margarida Maria de Souza; colab. Abelardo José Nogueira de Barros e Silva. **Padroeiros Pernambucanos**. Recife: Baraúna, 2004. p. 83-84

⁷⁷ <http://www.angelfire.com/ar2/jcarthur/stoantonio2.htm> Pesquisado em 23/08/2007.

⁷⁸ Por ter nascido em Lisboa é chamado de Santo Antônio de Lisboa e por ter morrido em Pádua é também chamado de Santo Antônio de Pádua. (Grifo do autor)

⁷⁹ **Padroeiros Pernambucanos**. Idem.

⁸⁰ <http://www.fundaj.gov.br> Acessado no dia 15/01/2008

⁸¹ <http://www.fundaj.gov.br> Acessado no dia 15/01/2008

O convento de Ipojuca tem o nome de Santo Antônio também pela devoção que os portugueses que colonizaram o povoado tinham a este santo e pela presença dos franciscanos naquela região⁸².

Aos poucos Santo Antônio vai ganhando mais importância em territórios brasileiros e em especial para os portugueses em Pernambuco como nos mostra Pereira da Costa baseado em um escritor holandês da época do controle batavo em Pernambuco:

*Santo Antônio era mencionado como patrono dos portugueses em Pernambuco, e que nos estandartes dos regimentos que tomaram parte na campanha nacionalista contra os holandeses figurava sempre Santo Antônio*⁸³.

Em Ipojuca encontramos um relato da participação de Santo Antônio contra os holandeses que relataremos quando tratarmos deste assunto.

O governador da capitania de Pernambuco, João da Cunha Souto Maior, em treze de setembro de 1685 deu assento de praça a Santo Antônio para que ele seguisse para guerra contra os quilombolas de Palmares. Ordenou que fosse pago ao síndico do convento de Olinda o soldo e o valor do fardamento que lhe competiam. O santo foi levado para luta contra o quilombo por um frade franciscano e retornou vitoriosa de sua empreitada, aumentando ainda mais seu prestígio em Pernambuco. No Recife o santo também recebia soldo, de início como soldado e depois como tenente a partir de 1716⁸⁴. Em Olinda nunca passou de soldado. Somente no século XX é que os soldos pagos em vários lugares do Brasil para Santo Antônio foram suspensos.

No entanto, na cidade de Igarassu, também em Pernambuco, Santo Antônio possui o título de vereador perpétuo, conferido pelo rei D. José I por Carta Régia de

⁸² WILLEKE, Frei Venâncio. **O Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1956. p.15

⁸³ PEREIRA DA COSTA, F. A. **Anais Pernambucanos**, vol. VI, p.186.

⁸⁴ MUELLER, Frei Bonifácio. **Convento de Santo Antônio do Recife, 1606-1956**: esboço histórico. Recife: Imprensa Oficial, 1956, p. 146

1754⁸⁵. O santo recebia um salário mínimo (atualmente R\$415,00) que era pago ao convento de Santo Antônio de Igarassu e revertido para obras de assistência a crianças atendidas por uma creche e uma escola.

Após vir a público, através de reportagem exibida pelo programa de televisão *Fantástico* da Rede Globo, o Ministério Público de Pernambuco pressionou a câmara de vereadores do município para suspender o pagamento do santo, o que foi acatado pelos vereadores, mas mantiveram o título de vereador do Santo Antônio. O salário que era pago com recursos da câmara de vereadores passaria a ser pago com a colaboração de cada vereador (cada um contribuindo com R\$41,50).

Santo Antônio já foi padroeiro do Recife e ainda é padroeiro de vários municípios em Pernambuco. Um dos santos mais populares do Brasil Ihe é atribuído o poder de curar, restituir as coisas perdidas, arranjar casamentos e outras graças que seus devotos Ihe demandem⁸⁶.

3.4 - A Invasão Holandesa

Encontramos entre as narrativas do *Novo Orbe* que as instalações do Convento foram ocupadas no ano de 1639 pelos holandeses durante o período em que ocuparam Pernambuco. Toda a estrutura do convento teria sido utilizada como uma espécie de quartel, fator que não foi de exclusividade do convento de Ipojuca, já que isso se deu também com outras casas religiosas. Segundo Jaboatão os frades franciscanos então se abrigaram em casas da localidade, podendo tão somente dispor da igreja para realização das missas.⁸⁷

⁸⁵ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/popular/interna/0,,OI2746773-EI1141,00.html> Acessado em 28/04/2008.

⁸⁶ **Padroeiros Pernambucanos**. Idem.

⁸⁷ JABOATÃO, Idem, p. 42.

Visualizamos um cenário oposto a este oferecido pelo frei Jaboatão exposto por Pereira da Costa. Para ele, após a invasão batava os frades foram mandados para o convento do Recife e posteriormente os religiosos foram deportados para as Índias de Castela⁸⁸.

Antes da ocupação do convento pelos holandeses os religiosos, avisados da aproximação dos invasores, realizaram a remoção de relíquias, vasos considerados sagrados e ornamentos que se encontravam lá originados de outros conventos que já haviam sido invadidos. Estes objetos tinham grande valor financeiro e, acreditamos, também simbólico para os religiosos. Devido esse motivo foram enviados para realizar dessa remoção em Ipojuca, no dia 18 de janeiro de 1637, os capitães Estevão da Távora, Assenso da Silva e Henrique Dias⁸⁹.

Durante a ocupação holandesa podemos conferir no *Novo Orbe Seráfico* relatos registrados no livro cartório do Convento de que teriam ocorrido aparições de um Frei. Este, todas as vezes que aparecia procurava prestar auxílio aos “endemoniados” pedia que repetissem algumas palavras ensinadas por ele as quais surtiam efeito rapidamente. Ele também seria responsável por espantar os cavalos dos “hereges”, como são qualificados os holandeses no livro, os quais não esboçavam nenhuma reação contrária, já que haveria o reconhecimento deste frade como sendo o próprio Santo Antônio, como foi reconhecido por aqueles “endemoniados” e “hereges” ao se depararem com sua imagem na igreja.

Além disso, para José Luiz Mota Menezes⁹⁰ a invasão holandesa teria atrapalhado o surgimento de novas construções religiosas ou até mesmo a modificação destes edifícios. Ele afirma ainda que os conventos foram sendo ampliados depois da saída dos holandeses de Pernambuco, suas fisionomias mais antigas deram lugar para novas construções maiores que as primeiras, muitas vezes

⁸⁸ Pereira da Costa. Anais Pernambucanos, vol. 2 p. 269

⁸⁹ Pereira da Costa. Anais Pernambucanos, vol. 2 p. 269

⁹⁰ MENEZES, José Luiz Mota. **Arquitetura dos Conventos Franciscanos do Nordeste**. Recife: Folheto publicado pelo CEFET, s/d.

aproveitando as partes mais antigas da construção. No entanto, segundo Menezes, o convento de Ipojuca não apresenta essa característica, ele parece ter sido feito de uma só vez, sem ampliações posteriores⁹¹.

3.5 - Do Declínio a Restauração

A partir de 1759 o que se viu foi um declínio das atividades dos frades franciscanos no Brasil que também foram “perseguidos”, nas palavras do Frei Venâncio Willeke⁹². Isso também aconteceu com o Convento de Santo Antônio de Ipojuca. Este convento mantinha uma escola gratuita durante 66 anos, mas ela não resistiu ao período pombalino. O convento teve uma grande perda no número de religiosos, caindo para 5 à quantidade de franciscanos, que antes poderia chegar a 19 no período de 1739 a 1749⁹³.

Cento e trinta anos depois, em 1890 o Convento de Santo Antonio de Ipojuca chegou a não ter mais nenhum frade franciscano, se encontrando praticamente abandonado. Quem cuidava do convento era o superior do convento de Sirinhaém, único franciscano ainda sobrevivente. Com a morte deste em 1892 o convento de Ipojuca ficou completamente desocupado e só não chegou a ruínas por ter sofrido seu último conserto parcial por volta dos anos de 1850-1852, na gestão do frei Antônio da Rainha dos Anjos⁹⁴.

Passados três anos foi que chegou em Ipojuca o frei Fernando Oberborbeck no sentido de ocupar o convento. Nesse período de desocupação sumiram do convento vários objetos. Também nessa época foi prejudicado o culto ao Santo Cristo por não ter religiosos que ministrassem os sacramentos nem administrasse a presença dos romeiros no santuário.

⁹¹ MENEZES, José Luiz Mota. Idem.

⁹² WILLEKE, Frei Venâncio. **Livro dos Guardiães do Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. Recife: Separata da Revista do IHGP, 1967.

⁹³ WILLEKE, Frei Venâncio. Op cit. p.62

⁹⁴ WILLEKE, Frei Venâncio. Op cit. p.62

No ano de 1895 toma posse como guardião do convento o frei alemão Adalberto Kirschbaum. Os religiosos alemães fazem parte do que se convencionou chamar de restauração da Província de Santo Antônio. Para entender melhor o que foi essa restauração recorreremos ao frei Hugo Fragoso que diz o seguinte:

[...] a restauração da Província de Santo Antônio pode ser entendida historicamente como um ato jurídico, mediante o qual a Província de Santa Cruz da Saxônia, a 2 de março de 1893 assumiu o compromisso com os velhos remanescentes da província brasileira, de empreender a sua reforma e revitalização; compromisso que foi feito perante representante da Santa Sé, D. Manuel dos Santo Pereira, vigário capitular de Salvador.⁹⁵

Mesmo com o processo de restauração não significou que o número de religiosos no convento de Santo Antonio de Ipojuca tenha voltado ao nível anteriormente, em que já se chegou a ter o número de 20 frades.

Podemos ver no documento intitulado “Crônica deste Convento desde a Chegada dos Religiosos Alemães no ano de 1895” que a quantidade de frades se mostrou constantemente baixa e foi reduzindo. Com o passar dos anos chegou-se a ter 1 ou 2 frades para realizar as atividades que antes eram desenvolvidas por 4 ou 5 religiosos.

Dentro dessa restauração, no mês de maio de 1895, os religiosos franciscanos receberam de D. Manuel Santos a incumbência de administrar a freguesia de São Miguel. Ao entregar essa responsabilidade aos frades o bispo diz o seguinte: “Agora tomai conta da pior freguesia de Pernambuco.” Com isso fica claro que não seria tarefa das mais fáceis de se realizar, no entanto não existe clareza sobre a afirmação do bispo em atribuir o título de pior freguesia para Ipojuca.

⁹⁵ FRAGOSO, Frei Hugo. **Centenário da Restauração da Província de Santo Antônio**. Cadernos da Restauração. Restauração da Presença dos Franciscanos na Província de Santo Antônio. Apud. NASCIMENTO JÚNIOR, Aurino Francisco do. **A Restauração da Ordem dos Franciscanos em Pernambuco no Final do Século XIX e Início do Século XX**. (Monografia de Especialização em História)

Ainda em 1895 chega no convento o frei André Noirhomme com a intenção de estabelecer em Ipojuca duas escolas paroquiais, uma para meninos e outra para meninas. Estas escolas chegaram a ter no início uma freqüência de mais de cem alunos, porém esse número caiu bastante no decorrer dos anos⁹⁶.

Estes religiosos franciscanos que ocuparam o Convento de Santo Antônio de Ipojuca passaram por dificuldades devido ao estado de conservação em que se encontrava a construção e outros fatores:

*A nossa estadia aqui era no princípio bem difícil e penosa; os recursos eram escassos, e considerando-nos com desconfiança muitas pessoas negaram-nos o seu auxílio. Além disto, sendo o convento muito úmido e insalubre, quase todos os religiosos ficaram doentes de beribéri...*⁹⁷

A situação levou os frades a terem que transferir os estudantes de Ipojuca para o Convento de Santo Antônio do Recife.

O novo guardião passou também a empreender reformas nas instalações do convento, fazendo segundo o cronista, melhoramentos:

*[...] abriu uma cisterna dentro do claustro, levantou uma parte do muro da clausura [...] fez os preparativos para a construção de novos altares para a igreja do convento e restaurou a capela do Livramento como também o muro de cemitério.*⁹⁸

Não foi só Adalberto Kirschbaum que promoveu reformas no convento, cada guardião sempre que necessário procurava fazer reformas ou melhorias no convento e demais prédios da freguesia.

Em 1935, após esse período de reestruturação promovido pelos franciscanos vindos da Alemanha, acontece um incêndio que destrói grande parte da igreja conventual. O fogo não chegou a atingir o resto do Convento nem tampouco a imagem do Santo Cristo. Além da imagem do crucificado outras partes da igreja não

⁹⁶ “Crônica deste Convento desde a Chegada dos Religiosos Alemães no ano de 1895”

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Idem.

foram consumidas pelo fogo, como o antigo brasão da Ordem dos Frades Menores que também saiu ileso. No mesmo ano foram iniciadas as obras de reparo para consertar os estragos provocados pelas chamas.

3.6 - Contexto da Igreja no Brasil após a Proclamação da República

Na nova etapa que se iniciava na História do Brasil, após a proclamação da República em 1889, período que ficou conhecido como República Velha ou, ainda, República Oligárquica, entre outros atributos, a Igreja Católica começa a passar por transformações nos seus fundamentos.

Durante o período imperial no Brasil, mais especificamente durante o império de Dom Pedro II, a Igreja Católica sofreu uma espécie de diminuição do seu valor ou papel diante da sociedade, seja de caráter social ou político. A relação entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro ainda tinha cicatrizes⁹⁹, deixadas por uma crise causada principalmente pelo conflito que ficou conhecido como “questão religiosa”¹⁰⁰. A laicização era como um processo que ia ganhando forças, atingindo o seu fastígio com a República proclamada, onde se consolidou a separação entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro.

Podem-se apontar a maçonaria, o positivismo e liberalismo político como fatores preponderantemente responsáveis pelo opaco papel que a Igreja vinha exercendo desde o período imperial.¹⁰¹ A reação viria a partir da proclamação da República. A Igreja Católica estaria livre¹⁰² de uma unidade com o Estado que já não

⁹⁹ Ou ainda era uma ferida aberta, como afirma Nilo Pereira. PEREIRA, Nilo. **Conflitos entre a Igreja e o Estado no Brasil**. Recife: UFPE, 1970.

¹⁰⁰ PEREIRA, Nilo, *Ibidem*.

¹⁰¹ MOURA, Odilão. **As ideias católicas no Brasil**: direções do pensamento católico no Brasil no século XX. São Paulo, Convívio, 1978. É válido ressaltar que o autor citado, como membro da Igreja Católica, apesar de apresentar estes fatores exalta a reação da Igreja. (Grifo do autor)

¹⁰² Como afirma MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do catolicismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.

era mais interessante para ambos os lados. Quem tem uma visão ligada à Igreja Católica, como Odilão Moura, observa o início desse período como o despertar de uma espírito de “combate, obediência e união” entre o católicos¹⁰³.

A Igreja Católica perde benefícios que lhe foram dados como componente do Estado. Perde também funções cíveis como o registro de nascimento e de óbito. Mas ainda tem influência na sociedade. No Estado leigo que estava surgindo não havia mais espaço para o ensino religioso nas escolas, questão criticada pelo clero católico que teve reações contrárias a laicização do Estado brasileiro. Logo, estas críticas foram deixadas de lado e o clero católico passou a ter uma relação mais amistosa com o Estado¹⁰⁴.

Dá-se início a um processo de reestruturação da Igreja Católica no Brasil, ocorrendo a criação de novas dioceses, fator que tinha como intenção uma presença mais efetiva da Igreja, quis mostrar-se viva e atuante. A presença da Igreja Católica nos estados se deu com a criação de Províncias Eclesiásticas ao longo desse período, mantendo uma proximidade com os poderes locais¹⁰⁵, mostrar-se como uma segunda autoridade, sem que isso signifique um posicionamento contrário ao Estado.

O inconformismo inicial transforma-se numa espécie de apoio, demonstrado principalmente nos episódios de Canudos e Contestado. Estes acontecimentos tiveram caráter religioso, com a presença de beatos que provocaram movimentos revolucionários, cada um da sua forma. Mas a Igreja Católica assume uma postura de apoio ao Estado brasileiro, usando de pretexto a manutenção da ordem social, estando presente, ao menos no primeiro, com padres acompanhados pelotões enviados para o combate¹⁰⁶.

¹⁰³ MOURA, Odilão, Op. Cit.

¹⁰⁴ MOURA, Odilão, Op. Cit.

¹⁰⁵ SILVA, Severino Vicente da. **História da Igreja Católica em Pernambuco no século XX**. Texto básico da disciplina Problemas do Brasil República, 2005.

¹⁰⁶ SILVA, Severino Vicente da. Ibidem.

A Igreja Católica se reestrutura também com a restauração das ordens religiosas que durante o Império estavam proibidas de formarem novos sacerdotes, compondo um dos fatores de enfraquecimento da Igreja Católica que não poderia contar com um número de padres suficientes para atender a demanda. Chegaram religiosos vindos da Europa, principalmente, conferindo ao catolicismo brasileiro novas formas devido a perspectiva que estes sacerdotes tinham com relação à missão que desempenhavam. Foram criados em Roma os Colégio Pio Americanos e assim formada uma elite para poder administrar e/ou organizar a Igreja. Essa formação de uma elite romanizada auxilia na descaracterização do catolicismo brasileiro que recebe uma grande carga de influência estrangeira.

A crescente necessidade de assistência à população pobre e o combate à presença dos protestantes são fatores que contribuíram para a vinda de congregações como os Salesianos, Sagrado Coração de Jesus, dentre outras. Estas congregações passaram a atuar em lacunas que o Estado brasileiro apresentava em sua estrutura social. Atuaram em campos como a assistência social e a educação. Esta segunda era preferencialmente para os filhos da elite socioeconômica, que contribuiu ainda muitas vezes para instalação dessas congregações.

No início do século XX no Brasil a Igreja Católica se reaproxima do Estado. Já se encontrando presente junto a instituições públicas da sociedade. Acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial também contribuíram. Do ponto de vista eclesiástico, outro fator do fortalecimento do catolicismo no Brasil nessa época foi ter o primeiro cardeal da América Latina, Dom Joaquim Arcoverde.

De tudo isso podemos observar que o comportamento da hierarquia da Igreja Católica girava no sentido de fazer com que houvesse um crescimento desta instituição, impossibilitado durante o Império, mas que a República daria essa oportunidade. O voltar-se para as coisas da Igreja parece-nos algo necessário, já que ela estava enfraquecida, com um quadro reduzido de sacerdotes, sendo assim, reestruturar-se foi um caminho a ser percorrido.

3.7 Arquitetura Franciscana do Convento de Santo Antônio de Ipojuca

Não me parece inteiramente com a razão José Mariano Filho ao afirmar que a nossa arquitetura patriarcal não fez senão seguir o modelo da religiosa, aqui desenvolvida pelos jesuítas – os inimigos terríveis dos senhores de engenho. O que a arquitetura das casas grandes adquiriu dos conventos foi antes doçura e simplicidade franciscana. Fato que se explica pela identidade de funções entre uma casa de senhor de engenho e um convento típico de frades de São Francisco.¹⁰⁷

O envolvimento dos franciscanos na cultura brasileira não ficou apenas no campo das idéias, ele se fez materializar em elementos como a arquitetura, como bem nos mostra Gilberto Freyre ao se referir da arquitetura das casas-grandes dos engenhos, onde a influência franciscana seria maior que a jesuítica como se poderia imaginar. E não seria difícil observarmos que aconteceu também o contrário, as igrejas e conventos foram absorvendo traços das casas-grandes.

Seguindo um padrão arquitetônico¹⁰⁸ de conventos que se estabeleciam no século XVI no Brasil, os conventos franciscanos apresentavam uma relativa sobriedade e despojamento na decoração como características principais.

Para José Luiz Motta Menezes¹⁰⁹ as construções franciscanas do século XVI refletiam a pobreza dessa ordem, com suas casas pequenas, diferente do que acontecia com os conventos carmelitas, beneditinos ou jesuítas que desde o início já faziam grandes construções para se abrigarem. Para ele só a partir do século XVII é que surgiram construções mais vultosas, mas ainda diferentes das casas das outras ordens religiosas.

¹⁰⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. Recife: Imprensa Oficial, 1966, prefácio a primeira edição, XXXII-XXXIII.

¹⁰⁸ BION, Cybele Martins. **O Convento de Santo Antônio do Recife**: um estudo de caso. Recife: UFPE, Dissertação de Mestrado em História.

¹⁰⁹ MENEZES, José Luiz Mota. Op. Cit.

Geralmente eram feitos de barro, em taipa¹¹⁰, tendo o frontão¹¹¹ como elemento de destaque. Já no século XVII ocorreram modificações nas características dos conventos. Passariam a ser utilizados outros materiais e novos elementos como volutas¹¹² e pináculos ou cúpulas. Eram sinais do barroco que estava chegando a tais construções e que logo adaptou-se as situações locais. Podemos verificar algumas dessas características nas figuras 4 e 5 a seguir:

Figura 4- Frontão da igreja do convento.



Fonte: autoria própria, 2005.

¹¹⁰ Segundo Mota Menezes essas construções, feitas de barro e madeira, estariam inicialmente ligadas ao pensamento de pobreza e mendicância da Ordem Franciscana. MENEZES. Op. Cit.

¹¹¹ “Ornato arquitetônico que termina a parte superior de portas e janelas, ou que coroa a parte central da frente de um edifício”. **Dicionário Brasileiro Globo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1983.

¹¹² Ornatos em forma de espiral.

Figura 5- Conjunto da frente da igreja.



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, s/d.

Nos conventos franciscanos o claustro se figura como centro das construções que se erguem em sua volta. O claustro é o conjunto constituído de um pátio interior descoberto e rodeado de arcarias, como podemos ver na fotografia abaixo do claustro e pátio do Convento de Santo Antônio de Ipojuca.

Vemos no claustro de Ipojuca (Figura 6) suas colunas inteiriças em pedra e com várias plantas em seu redor, mas com a simplicidade característica desse convento. O claustro poderia estar à esquerda, como era mais comum nos conventos da região, ou à direita, como no caso do de Santo Antônio em Ipojuca e o do Recife. Aliás, a respeito da semelhança destes dois conventos diz Jaboatão: “Não tem diferença na arquitetura, fábrica e corpo da obra, assim nos arcos do frontispício, igreja, capela mor, claustro e corredores do outro do Recife”¹¹³.

E explica o motivo dessa afirmação:

[...] porque foram traçados, enquanto ao de pedreiro pelo mestre Manoel Gonsalves Olinda, que assistiu as obras de um de outro, e por isso

¹¹³ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. Op. Cit

*conformes em tudo ao material da obra, e ajustados também nas regularidades da grandeza ou máquina, sem demasia, como naqueles princípios se ordenavam as nossas casas pelos seus primeiros fundadores, e instituto da pobreza.*¹¹⁴

Figura 6- Pátio interno do convento.



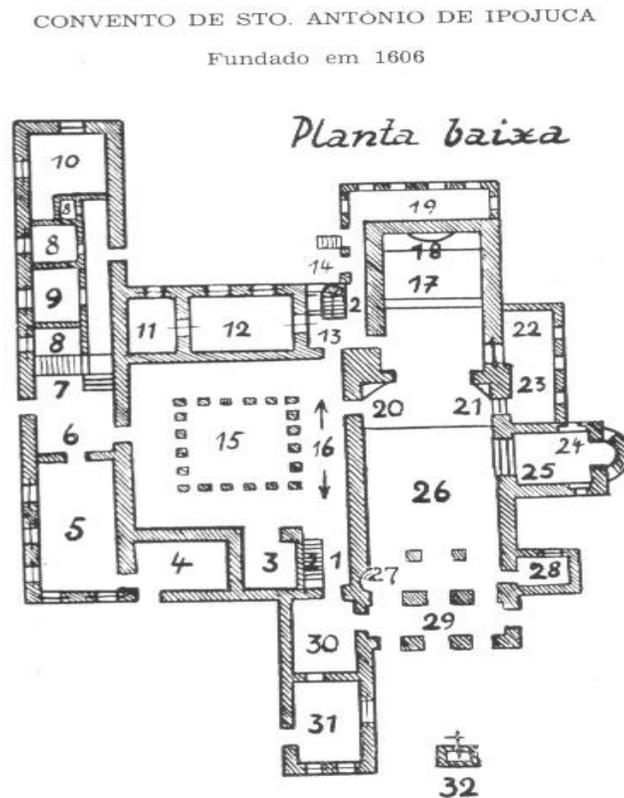
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, s/d

A construção dos conventos franciscanos, para Germain Bazin¹¹⁵, era feita seguindo uma ordem que começava pela moradia, em torno do claustro, depois eram levantadas à capela mor e a nave, e por último o frontispício. No frontão da igreja do conventual podemos notar a inscrição da data de fundação do convento e o símbolo da Ordem Franciscana. A torre, como é de característica nas igrejas dessa Ordem se encontra recuada em relação ao frontão, dando espaço para a entrada do convento e da igreja e é condizente com o conjunto do edifício.

¹¹⁴ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. Op. Cit

¹¹⁵ BAZIN, Germain. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1956.

Figura 7- Planta baixa do convento de Santo Antônio de Ipojuca.



Fonte: MIRANDA, Maria do Carmo T. de. **Os Franciscanos e a Formação do Brasil**. Recife: Editora da UFPE, 1976.

A historiadora Maria do Carmo Miranda identifica cada recinto do convento da seguinte maneira (Figura 7):

1- Portaria-clausura; 2- Escadarias novas; 3- Arquivo Paroquial, antigo capela do capítulo; 4- Cozinha, antiga sala da farinha; 5- Refeitório com quadros antigos; 6- Sala do De profundis ou refeitório dos donatos; 7- Escadaria antiga de pedra; 8- Depósitos; 9- Despensa; 10- Oficina, antigo banheiro; 11- Depósito da sacristia; 12- Sacristia com lavabo de mármore; 13- Via sacra; 14- Alpendre; 15- Claustro; 16- Antigo cemitério da comunidade; 17- Capela mor reconstruída em 1935; 18- Altar mor do Senhor Santo Cristo; 19- Varanda que existiu no século XVIII; 20- Altar de Nossa Senhora; 21- Altar de São José; 22- Capela dos milagres (depois de 1665); 23- Nicho de São Benedito; 24- Capela do Sagrado Coração de Jesus (antigo Santuário do Senhor Santo Cristo); 25- Nicho de São Roque; 26- Corpo da Igreja; 27- Nicho de Santa Luzia; 28- Torre (depois de 1645) e

batistério (depois de 1895); 29- Pórtico (depois de 1645); 30- Ante-sala da portaria; 31- Sala das associações, antiga escola de gramática de 1719 a 1785; 32- Cruzeiro, várias vezes reconstruído.¹¹⁶

Menezes¹¹⁷ faz distinção entre as maneiras com as quais eram apresentadas as formas exteriores das igrejas dos conventos. Ele apresenta quatro tipos distintos. O primeiro seria o padrão do convento de Ipojuca onde a “galilé se destaca do corpo da igreja e o coro é duplicado, para dentro e para fora da parede limite inicial da nave. O corpo saliente avança além do alinhamento dessa parede e deixa a torre recuada. Tem a galilé a mesma largura da igreja. Acima de cada arco e no eixo uma janela”. Outras construções seguem esse padrão tais como a igreja de Nossa Senhora da Conceição, o convento de Santa Tereza e da igreja de Nossa Senhora do Rosário em Olinda.

O segundo seria uma derivação do primeiro e o terceiro teria como base a fachada do convento de Salvador. O quarto tipo seria possivelmente o que mais se encontra nos conventos do Nordeste apresentando suas “fachadas dispostas onde a parte térrea é um galilé de arcos de meio ponto, assentos em pilastras com o andar superior na largura do corpo da nave, com as janelas dispostas no meio de cada arcada e o frontão onde se insere um nicho ou as armas franciscanas¹¹⁸”. Essas configurações podem ser encontradas nos conventos franciscanos do Recife, Olinda, Igarassu, Iguape e Cairú.

Já no interior as igrejas apresentam pontos em comum como a nave única, a ausência de capelas intercomunicantes, forro de madeira nos tetos em caixotões apresentando ou não pinturas, azulejos que correspondiam ao gosto decorativo da época (não presentes em Ipojuca).

As edificações dos conventos franciscanos costumeiramente apresentavam, na sua grande maioria, os mesmos ambientes: Igreja conventual, claustro, portaria,

¹¹⁶ MIRANDA, Maria do Carmo T. de. **Os Franciscanos e a Formação do Brasil**. Recife: Editora da UFPE, 1976.

¹¹⁷ MENEZES, José Luiz Motta. Op. Cit.

¹¹⁸ MENEZES, José Luiz Motta. Op. Cit.

sacristia, capela privada, celas, capela dos terceiros, sala capitular, coro, campanário, cemitério e refeitório. Outro elemento que também destacamos como característico dos conventos franciscanos é a presença do crucifixo (o chamado cruzeiro) na parte frontal do convento.

Estes conventos seguiam padrões europeus apresentando espaços que possibilitassem um melhor trânsito dos religiosos entre os cômodos, com ligações entre as celas, o refeitório, a igreja e demais partes destas construções, primando ainda em evitar o contato do público com a clausura.

No Convento franciscano de Ipojuca não encontramos um elemento que é bastante característico nas construções religiosas da época de sua construção: os azulejos. Temos uma boa visualização de um ambiente de convento franciscano no Brasil e a presença dos azulejos, como característica, em Gilberto Freyre: “Cheios de azulejos antigos que parecem não envelhecer nunca nestas terras de sol forte... Há painéis, rodapés e frisos de azulejos, notáveis pela sua antiguidade e pela sua arte e também pelo seu estado de conservação”. E ainda: “São conventos tão cheios de flores quanto de azulejos”¹¹⁹. Falta também ao convento ipojucano finas molduras e ornamentos como consoles existentes nos das capitais¹²⁰ e uma parca arte decorativa. Não descobrimos razões para tais ausências arquitetônicas neste convento e qualquer afirmação seria meramente especulações, assim sendo, poderia ser apenas uma opção dos responsáveis pela construção do convento ou questões de custo, enfim sem os dados fica-nos apenas o registro da ausência.

A planta baixa do Convento de Ipojuca que apresentamos acima (Figura 7) a encontramos no livro de Maria do Carmo Tavares de Miranda, onde ela afirma que esta teria sido cedida pelo frei Venâncio Willeke, no entanto o próprio Willeke publicou essa planta no livro dedicado ao convento franciscano de Ipojuca. Na mesma planta podemos ver a conservação da estrutura do convento que permanece

¹¹⁹ FREYRE, Op. Cit. 1954.

¹²⁰ WILLEKE, Frei Venâncio. Op Cit p. 65

a mesma, apresentando muito poucas mudanças, havendo apenas remanejamento de funções de cômodos para um funcionamento de acordo com o que for mais conveniente para suas atividades¹²¹. Segundo Willeke¹²² a parte do convento que melhor conserva seu aspecto primitivo é o refeitório.

3.8 - A Iconografia do Convento

Além da imagem do Santo Cristo no convento de Santo Antônio de Ipojuca existem outros ícones¹²³, principalmente na igreja. A maioria dessas imagens, segundo Willeke¹²⁴, devem ter sido feitas pelo frade franciscano Francisco dos Santos. Nas escavações para fazer o alicerce do altar-mor em 1935 após o incêndio foi encontrada a cabeça de santo franciscano, não identificado, que foi considerada uma raridade e se encontra no salão dos guardiães.

No ano de 1906 os religiosos decidiram substituir as imagens antigas de São José (que por estar de botas foi chamado de São José dos Caminhantes) e de São Francisco de Assis, que foram enviadas para a capela de Arimbi. No lugar dessas imagens foram postas outras novas que se queimaram no incêndio de 1935. Preservadas do fogo as antigas imagens voltaram para os seus lugares. Este é mais um episódio curioso que faz parte do mistério que envolve esse santuário.

As imagens existentes no convento são as seguintes:

- No altar-mor se encontra a imagem do Santo Cristo ao centro ladeada das imagens de Santo Antônio à esquerda e a de São Francisco de Assis à direita (Figura 08).

¹²¹ MIRANDA, Op.Cit.

¹²² WILLEKE, Frei Venâncio. Op Cit p. 66

¹²³ Aqui entendemos ícone como as imagens religiosas, sagradas que são veneradas nas igrejas e que servem como elemento de ligação entre o crente e o sagrado.

¹²⁴ WILLEKE, Frei Venâncio. Op Cit p. 67

Figura 8 - Altar-mor com a imagem do Santo Cristo ladeada pelas imagens de Santo Antônio e São Francisco de Assis



Fonte: autoria própria, 2007

- No altar lateral a esquerda está a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (Figura 09). As imagens de São José (Figura 10) e São Miguel Arcanjo encontram-se no altar lateral à direita.

Figura 9- Nossa Senhora da Conceição



Fonte: autoria própria, 2007

Figura 10- São José e São Miguel



Fonte: autoria própria, 2007

- Na sala dos ex-votos está a imagem do Senhor Morto (usada na procissão do senhor morto) (Figura 11) e a de São Benedito (Figura12).

Figura 11- Senhor Morto



Fonte: autoria própria, 2007

Figura 12- São Benedito



Fonte: autoria própria, 2007

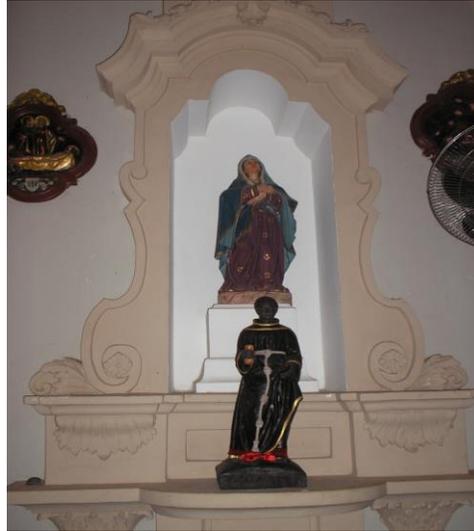
- Na capela lateral, onde era o santuário do Santo Cristo se encontra a imagem do Sagrado Coração de Jesus que ocupa o altar em que ficava a imagem do Santo Cristo (Figura 13).

Figura 13- Sagrado Coração de Jesus



Fonte: autoria própria, 2007

Figura 14- Nossa Senhora das Dores e São Benedito em nicho lateral



Fonte: autoria própria, 2007

Figura 15- Santa Luzia



Fonte: autoria própria, 2007

- Nos nichos estão as imagens de Nossa Senhora das Dores e outra imagem de São Benedito em frente ao púlpito (Figura 14). Na entrada está localizada a imagem de Santa Luzia (Figura 15).

- No oratório da comunidade se encontra a imagem de Nossa Senhora do Capítulo.
- No salão dos guardiães fica um fragmento de santo franciscano encontrado nas escavações para o alicerce do altar-mor.
- Existe ainda o resplendor que ornamenta a cabeça do Santo Cristo no qual se encontra escrito no verso: “1682 Mandou fazer o padre Marcos Gouveia, S.G.”¹²⁵

As pinturas que existiam no convento foram destruídas no incêndio de 1935 restando apenas algumas que ficaram longe do fogo. As novas pinturas no teto da igreja foram feitas pelo franciscano Tarcísio Jungwirth em 1942 ilustrando as narrativas do frei Jaboatão sobre o Santo Cristo. Existe ainda a via sacra em volta da igreja.

¹²⁵ WILLEKE, Frei Venâncio. Op Cit pp. 70

4 – O Santuário do Santo Cristo de Ipojuca.

Neste capítulo trataremos da imagem do Santo Cristo, que deu origem ao santuário, e que se encontra no nicho¹²⁶ da capela-mor da igreja do Convento de Santo Antônio de Ipojuca. Nos concentraremos na narrativa do processo de construção desse santuário desde a chegada da imagem até o estabelecimento dela como objeto de devoção e romaria.

Para melhor entendimento se faz necessário expormos o que entendemos como santuário¹²⁷ antes mesmo de entrarmos em detalhes sobre o santuário do Santo Cristo de Ipojuca.

Institucionalmente encontramos no Código de Direito Canônico¹²⁸ da Igreja Católica Romana no seu cânone de número 1230 a seguinte definição para santuário: “Com o nome de santuário se designa uma igreja ou outro lugar sagrado ao qual, por um motivo peculiar de piedade, acodem em peregrinação numerosos fiéis; com a aprovação do ordinário do lugar”¹²⁹. Existe segundo o referido código uma hierarquia entre os santuários podendo ser os denominados de nacionais ou internacionais. O primeiro depende da aprovação da Conferência Episcopal e o segundo da aprovação da Santa Sé¹³⁰. Essa hierarquia deve ser respeitada inclusive na criação de estatutos que serão elaborados para determinar a finalidade do santuário, a autoridade do reitor, e sobre a administração dos bens do santuário¹³¹. É interessante, no entanto,

¹²⁶ Entenda-se por nicho o espaço destinado a colocação de estátuas.

¹²⁷ 1 história da religião: lugar mais sagrado do templo judaico onde era guardada a arca da aliança. 2 parte de um templo em que se realiza a missa. 3 lugar, templo ou edifício consagrado por uma religião; lugar santo Ex.: s. de Fátima. 4 local recôndito ou vedado ao público para guardar e conservar objetos dignos de veneração. 5 nicho ou armário com imagens religiosas; oratório. 6 Derivação: sentido figurado. a parte mais íntima de um ser.

Disponível em: <http://houais.com.br/busca.jhtm?berbete=santu%Elrio&x=0&y=0&stype=k> Acessado em 10/01/2008.

¹²⁸ Código de Direito Canônico é o conjunto de leis da Igreja Católica Romana que regulamenta todos os elementos desta igreja, desde os internos como os externos.

¹²⁹ Código de Direito Canônico. Cânone1230.

¹³⁰ Idem. Cânone 1231.

¹³¹ Idem. Cânone1232 §2.

observarmos que os santuários que no Brasil surgiram em sua maioria por iniciativa de leigos foram com o passar do tempo sendo assumidos pela burocracia da Igreja Católica Romana, enquadrados em suas leis.

Os santuários receberam, principalmente a partir do século XVI, privilégios dependendo do lugar e da concorrência de pessoas, visando o bem dos fiéis que procurarem determinado santuário. O cânone 1234 detalha com maior precisão o sentido de se conceder privilégios a santuários:

§1. Nos santuários se deve proporcionar abundantemente aos fiéis os meios de salvação, predicando com diligência a palavra de Deus e fomentando com esmero a vida litúrgica principalmente mediante a celebração da eucaristia e da penitência, e praticando também outras formas aprovadas de piedade popular.

Para Carlos Steil a peregrinação como ato de penitência surgiu na idade média com o intuito de controlar a realização de peregrinações e conseqüentemente exercer maior controle sobre os centros devocionais como os santuários¹³². Segundo Steil haveria sempre uma relação da peregrinação com a penitência, independente do motivo que está levando o peregrino até determinado santuário¹³³.

Muitos santuários receberam, por exemplo, o direito de conceder, em determinadas ocasiões, a indulgência plenária¹³⁴, ou seja, o perdão de todos os pecados cometidos. Esse fator não deixa de representar um atrativo para que as pessoas procurem santuários onde possam receber benefícios como a indulgência, parecendo estarem revestidos de mais poderes. Isso desde o

¹³² STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias** – Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 168

¹³³ STEIL, Carlos Alberto. Idem, p. 170

¹³⁴ A Indulgência é definida no Código de Direito Canônico, cânone. 992 e no Catecismo da Igreja Católica número 1471: "A indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada; remissão que o fiel devidamente disposto obtém em certas e determinadas condições pela ação da Igreja que, enquanto dispensadora da redenção, distribui e aplica, por sua autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos". A indulgência pode ser plenária ou parcial.

período do Brasil Colônia que os santuários, muitos em forma ainda de ermidas ou capelas, ofereciam privilégios aos crentes.¹³⁵

Carlos Steil em seu estudo sobre o santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia, afirma que o surgimento daquele santuário estaria integrado em um movimento, que teve início no século XII, de aparições de imagens milagrosas que deram origem a santuários em Portugal e na Espanha¹³⁶. Essas aparições tinham como fator comum fenômenos que indicavam o lugar escolhido pela imagem para estabelecer seu culto. Assim, se deu com o Bom Jesus da Lapa e podemos fazer a mesma ligação com o Santo Cristo que “escolheu” ficar em Ipojuca, segundo a tradição oral que chegou até nossos dias. Para Steil este seria um movimento de reação ao culto aos santos baseado nas relíquias e de afirmação dos cultos locais¹³⁷.

Steil não estabelece um critério geográfico quando diz que um culto é local ou universal, e sim ao nível de atuação do catolicismo. Portanto, o culto neste caso é local por ter sido proveniente de um catolicismo ibérico, que veio com a colonização das Américas Portuguesa e Espanhola. Nos séculos XVI e XVII, assegura Steil, os cultos locais são incorporados ao catolicismo universal, quando foram apropriados pela ortodoxia, tornando-se um meio de propagar a fé católica e aumentar a presença da Igreja Católica¹³⁸. No caso do Santo Cristo seu culto desde o início teve esse sentido de fortalecer os laços dos moradores de Ipojuca com o culto católico.

Então, ao analisar um santuário católico romano, no nosso caso, o do Santo Cristo de Ipojuca, temos de levar em consideração todos estes elementos que apresentamos sobre o que se denomina santuário para a Igreja Católica Romana. Não podemos ter uma visão simplista de considerar um santuário em apenas

¹³⁵ AZZI, Riolando. Op. Cit. p.75

¹³⁶ STEIL, Carlos Alberto. Idem, p. 161

¹³⁷ STEIL, Carlos Alberto. Idem, p. 161

¹³⁸ STEIL, Carlos Alberto. Idem, p. 162

seus aspectos exteriores. Existe uma série de questões institucionais que não podemos deixar de utilizarmos ao analisar nosso objeto de pesquisa, tendo o cuidado de verificar a presença de todas ou de parte delas e do papel desse fator para as pessoas que procuram o santuário.

4.1 - O surgimento do Santuário do Santo Cristo de Ipojuca

O catolicismo no Brasil se formou com intensa participação dos leigos, participando na ereção de capelas e ermidas no início e depois na construção de igrejas, conventos e mosteiros. A religião estava dentro de casa. Os senhores de engenho mantinham em seus lares altares e oratórios em homenagem aos santos que se devotavam.

Muitos santuários que surgiram no Brasil nos séculos XVII e XVIII tiveram origem secular, onde em muitos casos a participação de religiosos só aconteceu anos após sua fundação. No entanto alguns santuários, como o de Ipojuca, já foram erguidos com a participação de religiosos, no caso de franciscanos que já ocupavam o convento de Santo Antônio.

O fato da presença dos religiosos em Ipojuca não significa a não participação de leigos no surgimento do santuário, visto que desde a construção do convento houve a contribuição de leigos nesse empreendimento.

O frei Jaboatão para relatar a origem da imagem do Santo Cristo traça rapidamente um histórico genealógico da família Albuquerque, desde Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, donatário da capitania de Pernambuco, até chegar ao irmão leigo Fr. Antônio de Santa Maria. Este se encontrando, no início do século XVII, como morador do Convento, fora mandado, dentro do que correspondia a atividades corriqueiras do convento, espanar o nicho em que se encontrava a imagem do Santo Cristo. No entanto, esclarecemos

que a referida imagem, apesar de também ser uma representação de Jesus Cristo não era venerada como a sua sucessora.

Durante a limpeza, devido ao desgaste natural do suporte ou por descuido do irmão Frei Antônio de Santa Maria, a imagem caiu ao chão, fazendo-se assim em pedaços. O irmão leigo, temeroso de ser castigado pelo mal feito, procura evadir-se do Convento. Vai para casa do seu tio, o capitão Francisco Dias Delgado.

O capitão era um assíduo contribuinte na manutenção do convento de Santo Antônio e, ao saber do acontecido, promete aos religiosos franciscanos que assim que for possível mandará trazer de Portugal uma nova imagem de Cristo para a capela do convento¹³⁹.

A partir desse momento nos encontramos com a narrativa que trata da origem da imagem do Santo Cristo do Convento de Santo Antônio na cidade de Ipojuca, rodeada de mistérios, até hoje objeto de adoração dos “devotos”.

Em frei Jaboatão observamos atentamente o desfecho da sua narrativa. O capitão Francisco Dias Delgado constituiu um seu procurador que recebeu dele a incumbência de providenciar na então metrópole a aquisição de outra estátua para o convento.

Passados os dias, em Portugal, o procurador do capitão Delgado, por razões que não ficam esclarecidas, esquece de mandar fazer a imagem, nem tampouco se preocupa em procurar uma estátua já pronta nos santeiros da cidade. Quando se atentou em atender o mandado do capitão Delgado já não havia mais tempo hábil para se mandar fazer, nem encontrar quem vendesse uma imagem do tipo específico que procurava.

¹³⁹ JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasilico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil**. Parte Segunda, vols. 1, 2 e 3. Reprodução fac-similar das Edições de 1859, 1861, 1862. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980.

Faltando pouco tempo para partida da frota que se destinaria a Pernambuco, de súbito, aparentemente do nada, se lhe apresenta um homem desconhecido. Envolvido numa atmosfera de mistério este homem perguntou ao dito procurador se ele queria alguma imagem do Santo Cristo, e que teria uma a lhe oferecer. Agora já estando atento do que lhe havia sido encomendado, o procurador disse ao homem que poderia lhe trazer a imagem. Ao recebê-la, notou que ela era maior do que a que lhe fora encomendada. Entretanto com o intuito de não demonstrar sua ineficiência com relação ao pedido do capitão Delgado, ficou com a imagem. Não informando o preço, o desconhecido afirmou que voltaria no dia seguinte, porém, ele não voltou nem foi encontrado ou sequer era conhecido na região. Assim, até hoje não se pode determinar ao certo de onde seria, muito menos quanto tempo tem a imagem do Santo Cristo que se encontra em Ipojuca, sendo sabido apenas que veio de Portugal em 1663.

No entanto, os “mistérios” atribuídos à imagem do Santo Cristo não se encerram com a chegada da mesma ao “Porto das Galinhas”¹⁴⁰ em Pernambuco. Segundo a tradição local, ao receber a imagem trazida de Portugal o capitão Delgado, assim como o seu procurador, percebem que suas medidas excedem as do nicho do convento para o qual ela estava destinada. Sendo assim o capitão resolveu enviá-la para outra igreja, dizendo que em outra oportunidade providenciaria uma imagem que se adequasse ao dito nicho. Porém, isso não foi possível. Segundo relato apresentado pelo Frei Jaboatão, estando preparado o carro de boi que levaria a imagem do “Porto das Galinhas” para uma igreja localizada fora de Ipojuca, os animais recusaram-se a todo custo a andar. Sem saber o motivo da resistência dos animais deixaram que os animais seguissem suas vontades, e eles, para surpresa de todos tomaram o rumo de Ipojuca. Dona Fernanda, moradora da cidade, conta da seguinte maneira o que aconteceu naquele dia: “Alguém aceitou, só que os bois não saíam. Aí disse: Vamos demorar um pouquinho pra depois tentar. Aí foi nessa hora que os bois resolveram por conta deles... aí saíram. Então chamou a atenção, né? Aí saíram acompanhando. Gente que tava

¹⁴⁰ Porto que recebeu esse nome devido ao contrabando de escravos, que eram escondidos em navios destinados ao transporte de galinhas, sendo chamado de Porto das Galinhas e depois Porto de Galinhas. (Grifo do autor)

trabalhando e ouviu a história, soltava a enxada ou sei lá o que tava trabalhando e acompanhava. Diz que quando chegou aqui já vinha uma multidão”¹⁴¹.

Este fato se mostrou suficiente para que o capitão Delgado desistisse do destino que ia dar a imagem e a enviasse para o lugar da qual estava destinada – o Convento franciscano de Santo Antônio em Ipojuca.

Surgiram vários tipos de santuários em forma de homenagem das lutas contra a invasão holandesa, como o de Nossa Senhora dos Prazeres. O Santo Cristo, segundo Willeke, escolheu Ipojuca para ficar e construir seu santuário. Podemos observar essa crença a partir do que texto a seguir de um dos ipojuicanos devoto da imagem do santuário:

Santo Cristo, por tua vontade,
Tua imagem sagrada escolheu
A pobreza de nossa cidade,
O convívio do povo plebeu.

Em defesa da Igreja lutaram
Nossos pais, contra o hereje invasor,
Vencedores, em paga alcançaram
Cristo-Rei, o teu trono de amor.¹⁴²

Pelas dimensões avantajadas da nova imagem seria necessário construir um novo nicho para acomodá-la, ficando acertado com o capitão Delgado a construção de uma nova capela para receber a imagem. Enquanto essa nova capela para o Convento era construída o Santo Cristo, permaneceu na capela de São Miguel. Ao final das obras da capela, depois de decorrido um ano e dez meses, foi entronizada a imagem do Santo Cristo conforme descreve uma ata franciscana transcrita pelo frei Venâncio Willeke¹⁴³:

“Lembrança do dia em que se colocou o Bom Jesus em sua capela, que foi a 14 de setembro de 1665, dia da Exaltação da Santa Cruz, em uma segunda-feira. Veio procissão da matriz para este convento, carregando o andor oito religiosos sacerdotes. Cantou a missa em a mesma capela o irmão pregador Frei

¹⁴¹ Fernanda Silva Cavalcanti. Entrevista realizada em 23/12/2007 em sua residência em Ipojuca

¹⁴² Texto escrito por Domingos de Albuquerque. Apud. WILLEKE, Frei Venâncio. Op cit. pp.34

¹⁴³ WILLEKE, Venâncio Op. Cit. 1956.

Bernardo da Encarnação, sendo comissário provincial o irmão Frei Daniel de São Francisco, mestre de teologia e padre da província, sendo guardião deste convento de Ipojuca o irmão pregador Frei Mateus da Apresentação”.

Em data da qual não podemos precisar a imagem passa a figurar na capela-mor da igreja conventual e de lá continuando a ser adorada, fato que pelos relatos parece acontecer desde sua chegada. Uma das pinturas no teto da igreja do convento ilustra claramente esse momento de entronização do Santo Cristo. Essa pintura tenta ilustrar como era o cenário urbano em Ipojuca na época, no entanto, parece um tanto exagerado o número de casas se compararmos com o espaço atual.

Figura 16- Pintura no teto da nave da igreja do convento



Fonte: autoria própria, 2007

De tal maneira o Santo Cristo domina a manifestação religiosa em Ipojuca que os religiosos do convento de Santo Antônio assumem a paróquia, que, aliás, nem uma igreja de porte médio existia e somente a capela de São Miguel, que teve seu tamanho estendido após sofrer reformas posteriores.

Ocorreu em Ipojuca a elaboração de um tipo de mito, a partir de relatos orais a respeito da chegada e da procedência dessa imagem que passou a ser vista como possuidora de poderes, capaz de atender as graças daqueles que fizerem seus pedidos a ela. O mistério é um elemento que geralmente pode ser encontrado nas origens desse tipo de fenômeno de fé¹⁴⁴, os quais geralmente os possuem principalmente no que se refere ao seu surgimento, não sendo diferente com o Santo Cristo de Ipojuca.

Vale salientar que quase como via de regra o mistério se encontra vinculado a existência de santuário como o de Ipojuca. Podemos ver isso claramente quando Riolando Azzi mostra que, a título de exemplo, as imagens do Bom Jesus da Iguape, Bom Jesus de Tremembé e a do Bom Jesus dos Perdões foram encontradas em rios. Isso dota aquela imagem de um poder místico que envolve as pessoas e fazem com que elas criam em uma força transcendente presente na imagem.

O papel do símbolo da imagem de Jesus Cristo para a Igreja Católica encontramos no Catecismo da Igreja Católica¹⁴⁵ exposto como a seguir:

A imagem de Cristo é o ícone litúrgico por excelência. As outras, que representam Nossa Senhora e os santos, significam Cristo, que nelas é glorificado. Elas proclamam a mesma mensagem evangélica que a Sagrada

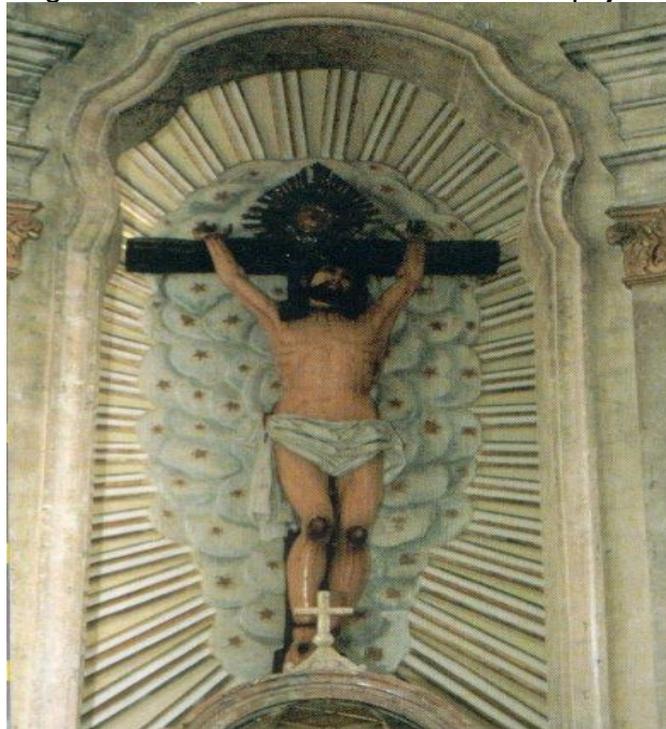
¹⁴⁴ Gostaríamos aqui de detalhar algumas conceituações que esse termo recebe. Para o Catecismo da Igreja Católica a fé tem a seguinte definição: “A fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos revelou e que a Igreja nos propõe para acreditarmos, porque Ele é a própria Verdade. Pela fé, o homem entrega-se a Deus livremente. Por isso, o crente procura conhecer e fazer a vontade de Deus, porque «a fé opera pela caridade”. Pergunta 386 do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica. Já o dicionário Houaiss a define da seguinte forma: 1 no catolicismo, a primeira das três virtudes teologais. 2 confiança absoluta (em alguém ou em algo); crédito. 3 asseveração, afirmação, comprovação de algum fato, Ex.: em fé do que dizia, apresentou uma documentação. 4 compromisso assumido de ser fiel à palavra dada, de cumprir exatamente o que se prometeu. 5 Rubrica: filosofia. Na escolástica, crença religiosa sem fundamento em argumentos racionais, embora eventualmente alcançando verdades compatíveis com aquelas obtidas por meio da razão. 6 Rubrica: termo jurídico. Credibilidade que deve ser dada ao documento no qual se funda, resultando disso a própria veracidade do documento. Mas a fé que adotamos na nossa pesquisa é aquela referente ao crente, aquele que crê, que acredita verdadeiramente na intercessão do seu objeto de devoção na sua vida, seja para casos que envolva problemas de saúde, habitação, emprego ou qualquer outro problema que o esteja afligindo. Mais adiante discutiremos com mais detalhes essa questão. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=f%E9&stipe=k> Acessado em 10/01/2008. (Grifo do autor)

¹⁴⁵ **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Vozes; Loyola, 1993.

Escritura transmite através da palavra e ajudam a despertar e a alimentar a fé dos fiéis.

Além dá figura do Cristo nos mostra o que representam as imagens dos santos existentes em igrejas, santuários, oratórios e demais meios de adoração existentes. De alguma forma, segundo este trecho que mostramos acima, todas as imagens representam o Cristo. Isso para os teólogos da Igreja Católica Romana.

Figura 17- Detalhe do Santo Cristo de Ipojuca



Fonte: Silvania Nobre, s/d

Como é possível notar na efígie do Santo Cristo na fotografia acima (Figura 17), existe nela a particularidade de representar Jesus crucificado de braços para o alto e não distendidos como de costume. Isto distingue o Santo Cristo das demais representações do Cristo.

4.2 - A Cruz do Santo Cristo

Mircea Eliade¹⁴⁶ elabora uma analogia entre o simbolismo da Árvore do Mundo para as sociedades arcaicas e a cruz para os cristãos. A cruz tomaria o lugar da Árvore do Mundo como centro do mundo. Ela serviria de veículo de comunicação com o céu, meio de salvação após o acontecimento histórico da Paixão do Cristo.

No Brasil a presença de cruzes está desde o primeiro nome, Ilha de Vera Cruz e posteriormente Terra de Santa Cruz. Com o passar dos anos à medida que o território ia sendo ocupado as cruzes iam sendo espalhadas. O símbolo da cruz se encontra enraizado no cotidiano do povo brasileiro através do ato de se persignar diante de vários acontecimentos no seu cotidiano. Ao entrar no mar, por exemplo, muitos indivíduos católicos se persignam, e isto acontece em outros momentos como ao passar diante de uma Igreja ou sempre que se requeira um gesto de religiosidade. Nestes e outros momentos o símbolo da cruz se encontra presente através deste gesto, onde com a mão a pessoa desenha a cruz em seu próprio corpo.

A cruz no Brasil representou desde o início da colonização a religião oficial da Coroa Portuguesa, representando em muitos momentos um marco de conquista dos novos territórios. Mas representava também a fé dos lusitanos que colonizaram o Brasil. A ereção de cruzes deu origem a construção de ermidas¹⁴⁷ e capelas. Em torno de uma cruz se construía um lugar para se realizar orações se tornando assim até núcleo de futuros santuários no Brasil. Riolando Azzi¹⁴⁸ nos mostra como exemplo de ermidas que se tornaram santuários a de Nossa Senhora da Conceição de Itanhém, próximo a Vila de Santos e a de Nossa Senhora da Penha no Espírito Santo. Esta última teve origem

¹⁴⁶ ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹⁴⁷ As ermidas eram simples construções, pequenas capelas erguidas por um indivíduo ou um grupo, abrigando geralmente apenas uma imagem do santo a ser venerado. A palavra ermida vem da palavra ermo, que significa lugar deserto e solitário, construído fora dos centros habitados, mesmo que depois tenha este termo sido aplicado para designar esse tipo de lugar de devoção ainda que ficasse em lugares habitados. Originaram templos que se desenvolveram em seu lugar.

¹⁴⁸ AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. pp.51.

em uma ermida construída pelo franciscano leigo Frei Pedro Palácios. O culto a cruz deu origem também a capelas dedicadas a Santa Cruz que foram transformadas em igrejas ou santuários. Além do que já expomos a cruz servia e serve para indicar sepulturas.

Como podemos observar vários elementos fazem parte do mistério do culto a um determinado santuário. No santuário do Santo Cristo de Ipojuca a cruz que sustenta a imagem faz parte do mistério que fez o Santo Cristo se tornar objeto de devoção e romaria. Segundo Dona Fernanda Cavalcanti, foram em terras do capitão Dias Delgado que se encontrou a cruz para a imagem do crucificado que acabara de chegar: “[...] Aí botou a disposição dos frades as matas do engenho dele, que era um homem riquíssimo. [...] Aí disse: Tá aí a disposição de vocês pra tirar madeira e fazer a cruz. Foi quando encontraram a cruz prontinha. Que foi outra... outra surpresa, né?”¹⁴⁹

Segundo o Frei Jaboatão ela teria sido encontrada na mata já no formato de cruz e do tamanho apropriado para a imagem do crucificado: “Porque querendo fazer a cruz sem se basear de propósito se achou uma árvore tão bem disposta com hastes e ramos que servindo estes de braços se fez a cruz inteira e tão bem disposta e perfeita”¹⁵⁰.

Podemos ver que o próprio Jaboatão, como se estivesse preocupado com a seriedade do seu relato procura examinar a cruz para ver se é procedente o que se diz a respeito dela: “É a cruz interiça, como fica dito e por novo exame a revista que de presente se fez, por instância nossa, se acha assim”.

Os devotos e romeiros que buscam o santuário do Santo Cristo atribuem a sua cruz um poder que não podemos distinguir se faz parte do que se confere a imagem ou se é uma força a parte. Em um folheto da festa ao Santo Cristo podemos observar o trecho a seguir: “...A Vossa Cruz nos defende dos inimigos...” Portanto, se acredita até

¹⁴⁹ Fernanda Silva Cavalcanti. Entrevista realizada em 23/12/2007 ao autor.

¹⁵⁰ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. Op. Cit.

no poder da referida cruz como possível elemento de defesa dos fiéis contra os seus inimigos¹⁵¹.

No Hino a Santo Cristo encontramos a seguinte passagem: “No horizonte das matas azuis/uma árvore verde de flor por se mesma se fez esta cruz, para o corpo de vosso Senhor!”¹⁵² Parece com isso que a própria natureza se encarregou de providenciar a cruz ideal para servir de suporte a imagem venerada a revestindo também de um tom divino.

¹⁵¹ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. Op. Cit. pp.494-495.

¹⁵² Trecho do Hino encontrado no folheto da festa do Santo Cristo e sem autoria atribuída. (Grifo do autor)

5 – Devoção ao Senhor Santo Cristo de Ipojuca

No Brasil, apesar das práticas de devoção estarem geralmente ligadas a diversos santos da Igreja Católica, ou a figura de Maria, através das várias Nossas Senhoras, Jesus também tem alguns santuários como o de Bom Jesus de Matosinhos - MG, Santo Cristo de Ipojuca - PE, Bom Jesus da Lapa - BA, etc. Jesus seria o protótipo dos santos: bom e justo, ele sofre sem ter pecado, e por esse sofrimento ele ganha a misericórdia divina para com os homens. Sua representação é entendida então como uma representação do sofredor: o Crucificado, o Senhor Morto, o Jesus da Paixão.¹⁵³

A devoção se apresenta como um dos componentes mais fortes do Catolicismo brasileiro, e em seus matizes de fé estaria enquadrada como objeto de estudo da Teologia. Essa experiência religiosa merece a atenção por parte dos historiadores por se apresentar como um fenômeno que atinge a milhões de pessoas em todo o mundo. Temos como exemplos à devoção a Nossa Senhora de Fátima em Portugal, Santiago Maior ou de Compostela (como é mais conhecido) na Espanha, São Francisco de Assis na Itália além de outras devoções que ocorrem em outros países recebendo devotos e romeiros em seus santuários.

No Brasil, país cuja maioria da população é declaradamente católica, a devoção faz com que milhões de indivíduos passem a buscar os santuários, nem sempre reconhecidos como tal, pela Igreja Católica, na esperança de terem seus desejos realizados, sejam eles de qualquer caráter ou dimensão, de natureza tanto física como espiritual. Essa busca transforma estes devotos em romeiros.

O espaço do santuário se apresenta para o devoto como espaço do sagrado, diferente do espaço profano, no qual este sagrado se revela e no qual pode encontra-lo, reafirmar sua fé¹⁵⁴. Ao tempo que é espaço sagrado, este espaço também só sobrevive

¹⁵³ AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial: Mito e Ideologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. p. 102 a 107.

¹⁵⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

a partir do próprio devoto, que segundo Marcelo J. S., é a chama viva para o santuário. Chama enquanto presença, mas chama também enquanto propagação da fé. O devoto é também evangelizador. Quantas vezes não nos deparamos com situações onde uma pessoa devota de determinado santo começa a falar do poder do mesmo e até lhe indica como protetor?

Apesar das práticas de devoção no Brasil estarem geralmente ligadas a diversos santos da Igreja Católica, ou a figura de Maria, através das várias Nossas Senhoras, Jesus também tem alguns santuários como o de Bom Jesus de Matosinhos - MG, Santo Cristo de Ipojuca - PE, Bom Jesus da Lapa - BA, etc. Jesus seria o protótipo dos santos: bom e justo, ele sofre sem ter pecado, e por esse sofrimento ele ganha a misericórdia divina para com os homens. Sua representação é, pois, a representação do sofredor: o Crucificado, o Senhor Morto, o Jesus da Paixão.¹⁵⁵

Os santuários tornaram-se grandes centros de devoção e romarias, presentes principalmente a partir da metade do século XVIII. O culto ao Santo Cristo, no entanto, é anterior a este período sendo realizado desde o século XVII segundo Frei Jaboatão¹⁵⁶. Esses santuários exerceram influência na conservação da fé e da religiosidade do povo brasileiro.

Em alguns estudos as romarias são enquadradas por autores como Marcelo J. S de Oliveira em seu trabalho sobre São Francisco das Chagas de Canindé¹⁵⁷, como elemento da religiosidade popular ou do Catolicismo popular, remetendo sua origem ao período colonial, criando, assim como o que acontece com a cultura, uma ruptura entre o popular e o erudito, algo que se igualaria ao conceito de cultura popular e cultura erudita, onde ao popular atribuem-se características ligadas a pobreza e ao erudito o que se encontra sobre uso dos mais abastados, criando uma distinção de classes sociais.

¹⁵⁵ AZZI, Rioldo. *A Cristandade Colonial: Mito e Ideologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. p. 102 a 107.

¹⁵⁶ JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. *Idem*.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, Marcelo João de. *O santo vivo dos devotos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2001.

Vemos esse tipo de pensamento reforçado por autores que costumam caracterizar o romeiro de determinada forma, criando estigmas como o seguinte, que para o autor seria a representação de uma romeira, típica romeira do nordeste brasileiro:

Braços magros, esqueléticos, rosto chupado, boca de poucos dentes e dentes podres, corpo franzino, dedos e unhas cortadas rentes e mãos de veias azuis, como a saltarem. Olhos negros, como o vestido bufento que usa; olhos ágeis que não se fixam em lugar nenhum. Pés metidos em alpercatas de couro rasgado perto dos dedos por calos do chão quente.¹⁵⁸

Não discordamos de que estas figuras existam, este é um dos perfis do romeiro. Mas existem outras pessoas que também são romeiras que não se encaixam nesse perfil. Nesse sentido é que tomando a idéia de circularidade histórica procuramos entender a religiosidade de grupos sociais que não tem o mesmo perfil acima explicitado, mas que vivenciam suas crenças, se apresentam enquanto devotos.

Em um dos seus livros Peter Burke¹⁵⁹ discute o conceito de popular, colocando este como um dos grandes problemas para se estudar a cultura, no que estendemos também como uma das problemáticas nas pesquisas sobre fatores da religião ou religiosidade.

Burke concorda com o conceito de “circularidade”, de Mikhail Bakhtin, encontrado em também em Carlo Ginzburg¹⁶⁰, onde o que existiria seria um tipo de interação, por mais sutil ou filtrada que seja, entre o que é popular e o que é da elite dando origem a algo novo, fruto desse amálgama.

Sendo assim, não seria correto denominar a devoção como popular no sentido de afirmar que ela é feita apenas pelos pobres ou pessoas de baixa escolaridade, sendo possivelmente mais correto, segundo a “circularidade”, observá-la como uma

¹⁵⁸ REINAUX, Marcílio Lins. **Aspectos Artísticos e Históricos da Estatuária e dos Ex-votos do Nordeste**. Recife, UFPE, Dissertação de Mestrado em História, 1988.

¹⁵⁹ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

¹⁶⁰ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

característica dos indivíduos sem distinções, de qualquer classe ou escolaridade, havendo diferenciações apenas de como será realizada sua demonstração de “devoção”.

O termo popular ainda é empregado ao catolicismo. Esse catolicismo popular seria aquele incorporado pelo povo. Mas esse povo não está relacionado a nenhuma definição sociológica e sim ao conceito teológico. Seria o “povo de Deus”, composto por aqueles que vêm a humanidade envolvida por um compromisso com de salvação divina¹⁶¹.

Os teólogos que rejeitam o chamado catolicismo popular não aceitam suas expressões de fé tais como a procissão, as promessas, as romarias, as novenas, a água milagrosa e outros. Muitos destes procuram adequar essas expressões a doutrina formal do catolicismo, e ainda tentam convencer os praticantes destas manifestações para se voltarem também para a doutrina católica¹⁶².

Não muito difícil esquecerem que num país de proporções continentais, as expressões do povo não são unas, idênticas, elas variam de região para região. O mesmo acontece com o dito catolicismo popular, que muda e se apresenta como variados catolicismos populares.

Outro fator que “espanta” os teólogos é a concretude do sentimento por parte do povo. Não basta sentir é preciso tocar para expressar o seu sentimento em relação ao seu objeto de devoção. Para muitos seria essa representação, mas existe também aquele que quer tocar acreditando que o próprio objeto guarda o poder. Essa expressão de fé preocupa ainda os teólogos, pois isso pode demonstrar uma adoração a imagem, uma idolatria. Mas Piazza afirma que o se deve observar seria o limite da prática do popular do catolicismo e o que essa prática poderia deturpar a doutrina católica. Não

¹⁶¹ PIAZZA, Waldomiro Otavio. **Introdução a Fenomenologia Religiosa**. 2. ed. Reform. Petrópolis: Vozes, 1983, p.292.

¹⁶² PIAZZA, Waldomiro Otavio. Idem. p. 295

adianta existir um catolicismo “puro”, formal, se não houver os fiéis que legitimarão esta crença, que não a coloquem em prática¹⁶³.

A romaria, segundo Philippe Rouillard¹⁶⁴, poderia ser um momento de reaproximação com os sacramentos, pois ao visitar um santuário e o encontro com outros sacerdotes proporcionariam esse contato.

Carlos Steil demonstra a importância de se estudar as romarias:

[...] palco de trocas culturais e idéias, um ponto de encontro entre crenças ortodoxas e dissidentes, um universo de difusão de costumes e valores antigos e novos, um lugar de transações rituais e econômicas e uma arena de disputas e discursos seculares e religiosos que a romaria se constitui uma questão extremamente relevante e atual.¹⁶⁵

Podemos encontrar no Hino a Santo Cristo todo o relato em síntese da construção da devoção ao Santo Cristo, passando por todos os momentos da imagem, a sua chegada a Ipojuca e ainda contando casos como a origem da cruz que lhe serve de suporte e do incêndio na igreja em 1935, além da fé que o povo nela deposita:

Hino a Santo Cristo

Santo por Tua vontade/Tua imagem sagrada escolheu a pobreza de
nossa cidade/ e o convívio de um povo plebeu!
Nesta sagrada colina/Mansão da misericórdia dá-nos a graça
divina/da justiça e concórdia (Bis)
Todo dia agradece um romeiro/um milagre, uma graça e um favor
quanto é grande o país brasileiro/ Santo Cristo é maior Teu amor!
No horizonte das matas azuis/ uma árvore verde de flor por se
mesma se fez esta cruz/para o corpo de vosso Senhor!
Cada pedra de Tua capela carregada por nossos avós quanto mais
pelo tempo amarela testemunha melhor para nós!
Trinta e cinco, um de março, ano e dia/em que o fogo ao Teu trono
atingiu foi à noite maior de agonia/que Teu povo fiel assistiu
Contra a chama lançou-se o Teu povo/Santo Cristo te trouxe nas
mãos para que no Teu trono de novo/socorresse os nossos irmãos!

¹⁶³ PIAZZA, Waldomiro Otavio. Op. Cit. p. 302.

¹⁶⁴ ROUILLARD, Philippe. **História da Penitência: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Paulus, 1999. p 76.

¹⁶⁵ STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias** – Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 86

Santo Cristo aos teus pés neste altar/ ajoelhados aqui nos degraus
desejamos ser bens em lugar/Santo Cristo em lugar de ser maus.¹⁶⁶

Mais uma vez recorremos ao frei Jaboatão, no “Novo Orbe”, para buscar o nascimento da adoração a imagem do Santo Cristo e o movimento daqueles indivíduos que procuram resolver grandes problemas em suas vidas pela fé que depositam em figuras como a de Ipojuca. Ele afirma em suas crônicas que as romarias passaram a acontecer naquele Convento franciscano já a partir da segunda metade do século XVII: *“É um santuário da maior veneração e o mais buscado das partes de Pernambuco.”*¹⁶⁷

Ipojuca esta posicionada geograficamente em uma situação estratégica, onde para se ir para vários lugares em Pernambuco e outros estados se passa e passava por lá, e isso fez com também houvesse uma redução nas distâncias das pessoas que buscavam auxílio do sagrado:

Pois, das mais remotas dele e ainda das outras capitánias, aqueles que, pelas suas grandes distâncias, não podem chegar pessoalmente a cumprir promessas e votos, aos pés do Senhor por esta sagrada imagem, não faltam com as devidas ofertas e particulares esmolas, nem o Senhor, por elas, em lhe dar justo despacho às súplicas e petições.¹⁶⁸

Ainda por sua posição geográfica, parte dos romeiros que seguem para Ipojuca, geralmente, estão seguindo algum roteiro roteiros de santuários, chegando a visitar mais de um santuário por dia, sendo este tipo de romaria visto por nós mais como uma modalidade de turismo do que uma busca de expressar sua “devoção”.

Porém, a maioria dos romeiros é composta por pessoas “devotas” de um santo específico e que em um determinado período de tempo visitam o santuário. O que ocorre são variações quanto às características de alguns elementos, como a peregrinação para chegar ao santuário, o vestuário apropriado para agradecer possíveis graças alcançadas, etc.

¹⁶⁶ Hino encontrado no folheto da festa do Santo Cristo e sem autoria atribuída.

¹⁶⁷ JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil**. Parte Segunda, vols. 1, 2 e 3. Reprodução fac-similar das Edições de 1859, 1861, 1862. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980.

¹⁶⁸ Idem.

O sofrimento não é um elemento presente no caminho dos romeiros em direção ao santuário de Ipojuca. Ao menos dos que podemos observar ou tivemos notícia. Os seus peregrinos geralmente vão ao seu encontro em caravanas de ônibus ou outros veículos de menor porte, ou ainda em automóveis particulares.

Não concordamos em afirmações que limitam a forma de realização de uma romaria: “*A romaria começa com preparativos cuidadosos, prossegue com a andança de dias e quilômetros a pé*¹⁶⁹.” Não é difícil encontrarmos generalizações a esse respeito que vemos como uma postura equivocada, tendo em vista as diferenças entre os grupos humanos, não cabendo tais assertivas.

Os pedidos ao Santo Cristo podem ser feitos através de uma oração na qual conseguimos encontrar o alcance das graças que podem ser atingidas, seja no afã de solucionar problemas de cunho espiritual ou temporal:

Oração de Santo Cristo

Ó glorioso Senhor Santo Cristo, que há mais de trezentos anos sois venerado por nossos pais, eu Vos adoro como Deus e Salvador meu. Sêde bendito e louvado pelas graças da redenção, que na cruz ofereceis aos pecadores, e pelos inauditos favores que vosso Santuário tendes prestados aos inúmeros devotos e romeiros. Pois, nesse trono sagrado, concedeis a saúde aos doentes, a consolação aos aflitos, o auxílio aos desamparados e o perdão aos pecadores arrependidos. Pela vossa sagrada paixão e morte vos peço me valhais nas minhas necessidades espirituais e temporais. Cheio de confiança no vosso sagrado coração, imploro esta graça... (Aqui se faz o pedido)

Salve, ó cruz, única esperança!¹⁷⁰

Observamos que as pessoas não se conformam em estar próxima da imagem, necessitam chegar cada vez mais perto. Aproveitando o espaço que existe entre o altar e a parede onde está fixada a imagem do crucificado os romeiros fazem questão de passar por trás do altar, estando então, bem próximas da imagem tão significativa para

¹⁶⁹ PALEARI, Giorgio. **Religiões do Povo** – um estudo sobre a inculturação. São Paulo: AM Edições, 1990.

¹⁷⁰ Oração retirada do folheto da festa do Santo Cristo cedido pelo frei responsável pelo convento. (Grifo do autor)

aquelas criaturas. Não encontramos nesse sentido distinção de classes sociais entre as pessoas que cumpriam esse ritual.

Existe também uma oração a ser feita pelos romeiros para se despedirem do Santo Cristo que aqui reproduzimos a qual está repleta de elementos que bem podem caracterizar a romaria que até hoje é realizada:

Nós vos adoramos, Santíssimo Senhor Jesus Cristo, e vos bendizemos, porque pela Vossa Santa Cruz remiste o mundo. Chegou Senhor Santo Cristo, a hora de nossa despedida: antes, porém, de voltarmos aos nossos lares, renovamos os protestos de fidelidade no nosso santo serviço, prometendo defender os vossos direitos de toda sorte e em particular pelo vosso bom exemplo. Confirmai Senhor os vossos bons propósitos tornando a vida laboriosa de sofrimentos e misérias, vos pedimos Senhor Santo Cristo, imprime em nossos corações a viva lembrança da Vossa Sagrada Paixão. A Vossa Cruz nos defende dos inimigos. As vossas cinco chagas nos sejam doce abrigo em todos os perigos. Em Vossas mãos Senhor entregamos toda a nossa vida. Agora vos pedimos, aceitai as nossas preces e toda esta romaria em união com homenagens que a vossa mãe dolorosa, ao pé da cruz, voz ofereceu em união com todos os louvores que até hoje tende recebido neste ditoso Santuário. A todos, porém, que viemos hoje venerar a Vossa sagrada paixão, concedei de perseverança final e na hora da morte a doce promessa. 'Hoje estarás comigo no paraíso'.

O número baixo de visitas ao santuário possibilita a conciliação dos trabalhos no convento, visto ser este agregador das atividades da paróquia, do próprio convento e do santuário, sendo as mesmas realizadas sem atropelos.

5.1 - Os Ex-Votos

Os ex-votos, símbolo do desejo realizado, a materialização do ideal que os devotos e romeiros buscavam, seja doenças curadas ou bens conquistados, estão presentes no santuário desde o início, como retrata o frei Jaboatão em seus relatos. “... *Assim o estão publicando como troféus da sua grande misericórdia e piedades as*

mortalhas dos aleijados, os pés e braços dos enfermos pendentos das paredes da capela¹⁷¹".

Figura 178- Perspectiva da sala dos ex-votos



Fonte: autoria própria, 2007

O espaço para colocação dos ex-votos no santuário do Santo Cristo encontra-se em uma sala no lado direito da nave da igreja conventual. Nesta sala, divide espaço com os ex-votos uma grande imagem do Senhor Morto, usada nas procissões.

Podemos encontrar ainda dois aparadores em ferro para acender velas, uma urna para colocar contribuições financeiras e pedidos ao Santo Cristo, além da imagem de São Benedito.

¹⁷¹ JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. Op. Cit.

Figura 19- Urna para o depósito de pedidos ao Santo Cristo ou de doações



Fonte: autoria própria, 2007

Não mais encontramos mortalhas na sala de ex-votos do santuário, no entanto ainda é possível encontrar cabeças, pés, mãos e imagens de corpo inteiro, em parafina, gesso ou madeira, placas agradecendo bênçãos ou graças realizadas pelo Santo Cristo. A única imagem que destoa desse cenário é a representação de um cão em cerâmica.

Figura 20- Armário que serve como depósito para demais ex-votos



Fonte: autoria própria, 2007

A maioria dos ex-votos é de fotografias, afixadas em quatro pedaços de madeira que foram pregadas em um dos extremos da sala. As fotografias lá presentes são em grande número antigas e a maior parte no formato 3cmx4cm, sendo pouco reveladoras dos desejos dos devotos. Em meio a estas fotografias apresentam-se também as realizações dos pedidos feitos ao Santo Cristo em aspectos materiais, havendo assim a presença de fotografias de veículos e de casas. Existe ainda outras formas de ex-votos como diploma de conclusão de curso e cartões de visita.

5.2 - A festa do Santo Cristo: seus aspectos sagrados e profanos.

A festa para o santo representa o momento em que se comemora a presença do sagrado entre determinado povo. Este momento festivo não se limita ao âmbito religioso como observa Raymundo Maués:

Festas religiosas populares constituem, por sua própria natureza ritualística, momentos extraordinários na vida das populações ou comunidades que as realizam, onde se exprimem, uma grande quantidade de fenômenos, não só de natureza religiosa, mas também fenômenos jurídicos, morais, políticos, econômicos, estéticos. etc.¹⁷².

Destarte, mesmo sendo um movimento religioso, da forma que ele se estabeleceu no Brasil, extrapola os limites da religião e envolve a vida de determinada cidade ou comunidade de uma forma abrangente. Inclusive interferindo na vida daqueles que não professam da mesma fé.

A despeito do padroeiro da cidade de Ipojuca ser São Miguel, o Santo Cristo tem suas festividades na magnitude de um verdadeiro santo padroeiro, tanto na parte religiosa como na festividade promovida pelo município, ou seja, tanto sagrada como profana.

¹⁷² MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés e Festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: Cejup, 1995. p. 316.

No quesito religioso, a festa destinada ao Santo Cristo acontece todos os anos com uma novena que vai do dia 23 de dezembro até o dia 1 de janeiro. Nesse período é realizada toda uma programação. A cada dia existe um ritual a ser cumprido, com missas realizadas todas as noites pelos religiosos.

Em 2007 a cada noite uma comunidade ficou responsável em organizar as atividades da noite, são os chamados noiteiros, como diz Dona Fernanda: “cada noite, o “noiteiro” daquela noite que é daqui vai acolher o que vem de fora. É uma festa muito bonita¹⁷³.”

Todos os anos no dia 1 de janeiro além de uma missa solene no convento é realizada uma procissão e missa campal encerrando as festividades com apresentação de bandas marciais ou fanfarras, ou de cantores de músicas religiosas.

Característica marcante dos festejos para o Santo Cristo é a quase ausência de romeiros durante esse período, principalmente no último dia de festa, como enfatiza frei Beto: “*Os romeiros não vêm na festa do Cristo*¹⁷⁴”. Por ser o primeiro dia do ano as pessoas não se organizam para fazer romarias nessa data, deixando para visitar o santuário durante o mês de janeiro, principalmente nos finais de semana. Essa ausência é suprida por um acréscimo na participação dos próprios ipojucanos que realizam a festa: “*No entanto, a procissão tem uma multidão, número muito, muito grande de fiéis ipojucanos, os que moram aqui e os que vêm de fora*¹⁷⁵.”

Podemos encontrar nas crônicas, a partir da restauração em 1895, relatos dos cronistas do convento (em que este era o último e o primeiro fato a ser relatado e geralmente vinha com comentários) a respeito da organização da festa, fornecendo detalhes sobre a festa do Santo Cristo, se era mais ou menos pobre em ornamentos e outros elementos, se maior ou menor presença de pessoas, se mais ou menos tumulto dos frequentadores. Esses relatos nos permitem observar que a festa para o Santo

¹⁷³ Dona Fernanda Silva Cavalcanti entrevista realizada em 23/12/2007 em sua residência em Ipojuca.

¹⁷⁴ Frei Beto em entrevista realizada em 09/02/2008 no Convento de Santo Antônio em Ipojuca.

¹⁷⁵ Frei Beto. Idem.

Cristo existia apenas na sua prática religiosa, ganhando outras proporções com o passar dos anos, só no século XX.

Como na maioria das festividades anuais para os santos, padroeiros ou não, realizadas por todo o território brasileiro, na festa do Santo Cristo de Ipojuca também existe o seu lado profano.

Figura 21- Portal no início da rua do Comércio em Ipojuca



Fonte: autoria própria, 2007

Logo na entrada da cidade nos deparamos com um enorme portal (Figura 21) anunciando a festa anual para o Santo Cristo, e na mesma rua, mais adiante são instaladas barracas para a venda de bebidas e comidas, ponto bastante procurado pelas pessoas que muitas das vezes não participam do lado religioso, apenas estão interessados em se divertir nos atrativos do lado considerado profano.

No mesmo espaço, na praça principal de Ipojuca, que se constitui de um grande pátio pavimentado, é montado um palco no qual se realizam várias apresentações de cantores e conjuntos musicais durante todo o período de comemoração.

Em Ipojuca esse lado profano possivelmente tem suas dimensões maiores por coincidir com a época natalina e a passagem de ano, duas ocasiões bastante celebradas pelos brasileiros.

As atrações são das mais variadas, e isto não agrada o atual vigário da paróquia:

Eu sempre fui contra. Sobretudo com certas bandas que são trazidas. Até porque é dinheiro público investido em produto cultural de baixa qualidade. Que não educa, que não forma, que não cria uma cultura de qualidade¹⁷⁶.

Outro fator de preocupação para o frei Beto é a ligação da imagem do Santo Cristo com tais atrações:

Sai carro de som anunciando: Festa do Santo Cristo com a banda... ai com aqueles nomes mais absurdos possíveis. Então se associa a festa do Cristo a bebedeira, a farra, banda de forró com letras de músicas obscenas. Então isso é meio estranho, bastante estranho até por sinal.¹⁷⁷

Figura 22- Show da cantora Alcione no último dia da festa



Fonte: www.clicpositivo.com.br

Além das atrações no palco mencionado, existe ainda a montagem de um pequeno parque de diversões, um outro elemento que vimos como tradicional nas festas dedicadas aos padroeiros, ao menos em Pernambuco, presente em Ipojuca.

¹⁷⁶ Frei Beto em entrevista realizada em 09/02/2008 no Convento de Santo Antônio em Ipojuca.

¹⁷⁷ Idem

Esses parques, de estrutura itinerante, são instalados durante a comemoração ao padroeiro em determinado município e logo ao seu término se deslocam para outra cidade, percorrendo uma espécie de circuito programado nas diversas cidades do Estado.

5.3 - Cenário atual da devoção ao Santo Cristo de Ipojuca

Em recente dissertação de mestrado, Alba Marinho¹⁷⁸ afirma existir uma rede que interliga centros devocionais em Pernambuco. Essa rede seria composta pelos santuários de São Severino dos Ramos, um grande centro de convergência de romeiros, de Mãe Rainha, em Olinda, de Frei Damião, no Recife, como os três mais visitados no estado. Participaria ainda dessa rede, só que com menor visitação, apontados pela autora “como novos pontos sagrados”¹⁷⁹, o Morro da Conceição, no Recife, a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, em Jaboatão dos Guararapes, o santuário de Nossa Senhora de Lourdes de Umari, em Bom Conselho e o santuário de Santo Cristo, em Ipojuca.

Outras localidades, leigas, receberiam a visita dos romeiros que se dirigem ao santuário de São Severino do Ramos. Os principais pontos sem caráter religioso seriam o Parque de Dois Irmãos¹⁸⁰, zoológico no Recife, a cidade de Tracunhaém¹⁸¹, famosa por seu artesanato em argila, e a Pedra do Navio¹⁸², em Bom Jardim, como um atrativo natural. Sendo assim, para Alba Marinho, haveria um circuito no qual São Severino dos Ramos seria o núcleo e os demais pontos ligados a ele¹⁸³.

¹⁷⁸ MARINHO, Alba Lúcia da Silva. O Sagrado nas Teias das Redes Geográficas do Turismo em Pernambuco: Um estudo sobre o santuário de São Severino, Paudalho – Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Geografia da UFPE, 2008.

¹⁷⁹ MARINHO, Ibidem, p. 136

¹⁸⁰ MARINHO, Ibid, p. 145

¹⁸¹ MARINHO, Ibid, p. 146

¹⁸² MARINHO, Ibid, p. 147

¹⁸³ MARINHO, Ibid, p. 149

Concordamos com essa afirmativa a partir das nossas observações realizadas em Ipojuca, tendo em vista, termos encontrado romeiros que se dirigiam ao santuário do Frei Damião fazendo rápida visita ao santuário do Santo Cristo. No entanto, o centro, na nossa perspectiva, depende da subjetividade dos romeiros, como no exemplo que citamos acima, que teve como centro o Frei Damião, no Recife.

O santuário do Santo Cristo de Ipojuca, na nossa observação, se inclui nessa rede exposta por Marinho devido sua localização geográfica em ponto estratégico para quem se dirige aos demais centros de devoção e romaria, todos em região mais ao norte de Ipojuca. Para os residentes do Estado de Alagoas ou nas cidades ao sul de Ipojuca que se dirigem aos citados centros de romaria ou pontos de turismo, seja pela rodovia BR101, ou pela PE060, encontram em Ipojuca não só a oportunidade de visitar o santuário do Santo Cristo, mas um momento também de buscar saciar a fome e/ou a sede ou fazer compras no comércio da cidade e ainda descansar antes de seguir viagem.

Atualmente, podemos notar um arrefecimento na procura de romeiros ao santuário do Santo Cristo. Existe algo de estranho naquele cenário, uma calma acima do normal para um centro de devoções, alvo tão antigo de romarias nessa região.

Mesmo aqueles que estão mais ligados ao cotidiano do santuário podem evidenciar que essa não é apenas uma percepção nossa:

Os Ipojucanos comentam que houve uma queda muito grande no número de romeiros no santuário. O pessoal lembra que há uns anos atrás chegaram a ter cem ônibus aos domingos. Eram filas e mais filas de romeiros. Estamos tentando descobrir o que foi que houve. Hoje são poucos em relação ao que era no passado.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Palavras do Frei Beto em entrevista concedida ao autor da pesquisa, realizada em 09/02/2008 no Convento de Santo Antônio em Ipojuca.

Será que o Santo Cristo caiu no esquecimento ou simplesmente foi abandonado por aqueles indivíduos que costumeiramente iam visitar o seu santuário? Não se sabe ao certo por qual motivo isso vem acontecendo, de fato ocorreu uma redução de visitantes de outras localidades ao santuário. Uma evidência disso pode ser a reduzida quantidade de ex-votos com datas mais recentes.

Isso não quer dizer que os moradores de Ipojuca não busquem o santuário, estamos nos referindo as romarias que aconteciam desde o surgimento deste centro de devoção em Ipojuca.

O pároco tem mostrado interesse em identificar os motivos dessa redução de romeiros e ao mesmo tempo em que trabalha no sentido de atrair essas pessoas novamente para o santuário, entrando em contato com os chefes de romaria no sentido de manter acesa a presença do Santo Cristo na vida das pessoas.

Mesmo diante da confirmação do pároco sobre a redução das romarias ao Santo Cristo temos que ter a compreensão de que esse fator não representa o fim da sua devoção e das romarias ao seu santuário.

Tomemos como exemplo o relato de Steil sobre o Bom Jesus da Lapa que passou por um momento parecido, a diferença é que nesse caso havia um motivo claro: “Com a diminuição das migrações do litoral nordestino para Minas Gerais, que acompanhou o fim do ciclo do ouro, o santuário também sofreu um refluxo, restringindo sua ação basicamente ao contexto local.”

Encaramos a sazonalidade como um fenômeno que pode atingir um objeto que está à mercê da subjetividade das pessoas. O que na atual conjuntura possa parecer esquecido pode eclodir novamente se enchendo de novos sentidos e voltar a receber um grande fluxo de romeiros outra vez recorrendo ao Santo Cristo como intermediário as forças transcendentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizarmos este trabalho tivemos como enfoque principal a construção de uma História Cultural do Convento Franciscano de Santo Antônio, localizado no município de Ipojuca, zona da mata sul do estado de Pernambuco, fundado e construído no início do século XVII.

O Convento em si tem seu papel e valor histórico como patrimônio cultural e pelas atividades missionárias e paroquiais dos frades da Ordem Menor que por ele passaram desde seu início. Entretanto, além disso, o Convento ganha destaque pelo santuário destinado Santo Cristo, imagem de Jesus crucificado que chamou a atenção das pessoas pelos mistérios que envolveram sua chegada, dos milagres que em pouco tempo foram sendo atribuídos ao crucificado. Estava desde já o Santo Cristo como objeto de romarias, sendo um dos primeiros no Brasil a atrair visitantes.

A devoção ao Santo Cristo rompeu os limites do tempo, sobrevivendo a mudanças na sociedade ao longo dos anos, o que segundo Dupront se configura numa característica dos fenômenos religiosos, apontando que eles têm uma longa duração: “[...] uma sobrevivência de memória ainda intacta a uma duração sempre maior, algumas vezes de mais de um milênio.”¹⁸⁵

No primeiro capítulo deste trabalho procuramos realizar de maneira clara e bem objetiva, discutir os mais relevantes aspectos historiográficos, teóricos e metodológicos em torno da situação em que se encontram os estudos que envolvem história, religião e as religiosidades, com destaque no Brasil, tendo como cenário as situações que se desenvolveram no santuário do Santo Cristo em Ipojuca nos servindo como amostra.

¹⁸⁵ DUPRONT, Alphonse. “A Religião: Antropologia religiosa”. In: LEGOFF, Jacques e NORA, P. (Orgs.) **História**: Novas Abordagens, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

No segundo capítulo almejamos identificar como se deu o surgimento do Convento Franciscano de Santo Antônio em Ipojuca. Enfocamos desde seu fundamento no ano de 1606, continuando por sua construção. Nesse mesmo capítulo tivemos, ainda, como objetivo elaborar uma breve abordagem, já que não possuímos instrumentos para uma análise mais aprofundada, sobre a arquitetura, fazendo também um comparativo simplificado entre este Convento e o homônimo e considerado idêntico que se localiza na cidade do Recife. Privilegiamos, além disso, uma apreciação a respeito da atuação dos religiosos da Ordem dos Frades Menores, estabelecidos no referido Convento, na cidade de Ipojuca, tendo em vista estarem presentes desde os primórdios desta cidade na época do Brasil colonial.

No terceiro capítulo, apresentamos de forma sintética a origem do santuário do Senhor Santo Cristo a partir da sua imagem que se tornou objeto de romarias à cidade de Ipojuca, tendo como base principal a narrativa do Frei Jaboatão. Tivemos como propósito delinear todo o histórico da imagem que, por sinal, adquire desde esse momento seu primeiro mistério: a sua procedência ainda permanece desconhecida, mesmo se sabendo que veio de Portugal. Além disso, tratamos de outro elemento substancial na devoção a imagem do Santo Cristo que é a cruz na qual a imagem fora afixada ainda no século XVII e que representaria a contribuição e aceitação desta região, pois foi encontrada uma árvore no formato de cruz e nas dimensões da imagem do crucificado.

No quarto e último capítulo deste trabalho visamos construir uma análise dos principais aspectos relacionados às romarias e devoções que passaram a acontecer em Ipojuca, mais especificamente ao santuário do Senhor Santo Cristo. Buscamos elaborar um estudo através do detalhamento dos elementos que podemos encontrar como característicos desse fenômeno religioso da devoção. Para tal desiderato intentamos estabelecer uma análise à cerca do significado da devoção para o homem considerado religioso e a presença dessa prática em Ipojuca.

Em nosso trabalho não procuramos trabalhar com a busca da verdade histórica, tampouco com fatos, demos o mesmo valor para cada relato, escrito ou oral, sobre os assuntos discutidos. As romarias ao santuário do Santo Cristo de Ipojuca encontram-se cada vez mais escassas, fator que qualquer observador pode notar, principalmente se de algum modo conheceu os momentos em que este era um dos mais procurados centros devocionais de Pernambuco e até dos estados vizinhos. Porém não vemos esse panorama como definitivo.

Como já ocorreu em outros santuários, pode haver um novo recrudescimento das romarias ao santuário do Santo Cristo, ainda mais pelos esforços que o Frei Beto, atual pároco, tem empreendido no sentido de diagnosticar essa baixa quantidade de visitantes e incentivar as romarias, entrando em contato com pessoas responsáveis por romarias que visitaram o santuário e ampliando a divulgação das comemorações anuais para o Santo Cristo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de. "São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil". In. ***História das Religiões no Brasil***, V.3. Sylvana M^a Brandão de Aguiar (organizadora). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.

_____. (org). **História das Religiões no Brasil**, V.1. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001.

_____. (org). **História das Religiões no Brasil**, V.2. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

_____. (org). **Brasil 500 anos: reflexões**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

ALVES, Marcio Moreira. **O cristo do povo**. Rio de Janeiro: Ed. Sabia, 1968.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2002.

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: Mito e Ideologia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

_____. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

BAKTHIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UNB, 1987.

BARRETO, José Ricardo Paes. et al.; coord. PEREIRA, Margarida Maria de Souza; colab. Abelardo José Nogueira de Barros e Silva. **Padroeiros Pernambucanos**. Recife: Baraúna, 2004.

BAZIN, Germain. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1956.

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BION, Cybele Martins. **O Convento de Santo Antônio do Recife**: um estudo de caso. Recife: UFPE, Dissertação de Mestrado em História.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

BURCKHARDT, Jacob. **Reflexões sobre a História**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961

BURKE. Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed.UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

COSTA, F. A. Pereira da; MELLO, José Antonio Gonsalves de.; SILVA, Genny da Costa e,.; SILVA, Risoleta da Costa e, **Anais Pernambucanos**. 2. ed. Recife (PE): FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais, 1983-1987. 11v.

DEL PRIORE, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O sagrado e o Profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Tratado de história das religiões.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FICO, Carlos, POLITO, Ronaldo. **A história no Brasil:** elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto: UFOP, 1992. 2 v

FRAGOSO, Frei Hugo. **Centenário da Restauração da Província de Santo Antônio.** Cadernos da Restauração. Restauração da Presença dos Franciscanos na Província de Santo Antônio. Apud. NASCIMENTO JÚNIOR, Aurino Francisco do. **A Restauração da Ordem dos Franciscanos em Pernambuco no Final do Século XIX e Início do Século XX.** (Monografia de Especialização em História).

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. Recife: Imprensa Oficial, 1966, prefácio a primeira edição, XXXII-XXXIII.

_____. **A Propósito de Frades.** Recife: Progresso, 1954.

GALIMBERT. Umberto. **Rastros do Sagrado.** São Paulo: Paulus, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HERMANN, Jaqueline. *História das Religiões e Religiosidades.* In: **Domínios da História:** Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro – 1550 – 1800.** Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **A igreja no Brasil-colônia: (1550-1800).** 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil.** Parte Segunda, vols. 1, 2 e 3. Reprodução fac-similar das Edições de 1859, 1861, 1862. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980.

JULIA, Dominique. “Religião”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (orgs.) **A Nova História**. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.

_____. “A Religião: história religiosa”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, P. (orgs.) **História**: Novas abordagens, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques (org.). **A Nova História**. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.

_____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques e NORA, P. (orgs.) **História**: Novas abordagens, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. **O Sagrado nas Teias das Redes Geográficas do Turismo em Pernambuco**: Um estudo sobre o santuário de São Severino, Paudalho – Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Geografia da UFPE, 2008.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Padres, Pajés e Festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: Cejup, 1995.

MENEZES, José Luiz Mota. **Arquitetura dos Conventos Franciscanos do Nordeste**. Recife: s/e, s/d.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Os Franciscanos e a Formação do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1976.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3a. ed. -. São Paulo: Contexto, 1994.

MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do catolicismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.

MOURA, Odilão. **As ideias católicas no Brasil**: direções do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo: Convívio, 1978.

MUELLER, Frei Bonifácio. **Convento de Santo Antônio do Recife, 1606-1956**: esboço histórico. Recife: Imprensa Oficial, 1956

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da Mineração**: memórias e práticas culturais: Mato Grosso do Sul na primeira metade do século XX. Cuiabá: Carlini e Caniato; EdUFMT, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Marcelo João de. Francisco. **O santo vivo dos devotos**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2001.

PALEARI, Giorgio. **Religiões do Povo** – um estudo sobre a inculturação. São Paulo: AM Edições, 1990.

PEREIRA, Nilo. **Conflitos entre a Igreja e o Estado no Brasil**. Recife: UFPE, 1970.

PIAZZA, Waldomiro Otavio. **Introdução a Fenomenologia Religiosa**. 2. ed. Reform. Petrópolis: Vozes, 1983

PIO, Fernando. **Imagens, arte sacra e outras histórias**. Recife: Museu Franciscano de Arte Sacra, 1977.

_____. **A ordem terceira de São Francisco do Recife e suas igrejas**. 5.ed. rev. ampl. -. Recife: Ed. Universitária, 1975.

PLEKHANOV, A. **Reflexões sobre a História**. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

PRINS, Gwin. História Oral. In: BURKE, **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: EDUSP, 1992.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e Modernidade no Maranhão, 1889-1922**. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, 2003.

REIS, José Carlos. **A História**: entre a Filosofia e Ciência. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ROUILLARD, Philippe. **História da Penitência**: das origens aos dias atuais. São Paulo: Paulus, 1999.

SANTOS, Gérson dos Santos; JARDILINO, José Rubéns (Org.) **Ensaio de religião e psicologia**. São Paulo: Plêiade, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias** – Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Faustino (org.) **Sociologia da Religião**: enfoques teóricos. – Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (orgs.). **As Religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. – Petrópolis: Vozes, 2006.

THOMPSON, Paul Richard, 1935-. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: **Domínios da História**: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

VATTIMO, Gianni e DERRIDA, Jacques (orgs.) **A Religião**: o seminário de Capri. – São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VOVELLE, Michel. A História e a Longa Duração. In: LE GOFF, Jacques (org.). **A Nova História**. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da Sociologia Compreensiva; 3ed. Brasília: UNB. 1994.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Livro dos Guardiões do Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. Recife: Separata da Revista do IHGP, 1967.

_____. **O Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1956.

_____. **Franciscanos na história do Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Missões franciscanas no Brasil.** 2.ed. -. Petrópolis: Vozes, 1978.

Sites

<http://www.angelfire.com/ar2/jcarthur/stoantonio2.htm> Acessado em 23/08/2007

<http://noticias.terra.com.br/popular/interna/0,,OI2746773-EI1141,00.html> Acessado em 28/04/2008

<http://ofmsantoantonio.org/provincia.php> Acessado em 27/02/2008

www.franciscanos.org.br Acessado em 25/02/2008

http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_1166.html Acessado em 18/02/2008

http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_2728.html Acessado em 18/02/2008.

<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=306&textCode=2072&date=currentDate> Acessado em 15/01/2008

<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6177&date=currentDate> Acessado em 15/01/2008

<http://houaiss.uol.com.br/busca.ihtm?verbete=santu%E1rio&x=0&y=0&stype=k> Acessado em 10/01/2008.

<http://houaiss.uol.com.br/busca.ihtm?verbete=f%E9&stype=k> Acessado em 10/01/2008.

Entrevistas

Entrevista com Frei Beto, concedida ao autor da pesquisa, realizada em 09/02/2008 no Convento de Santo Antônio em Ipojuca.

Entrevista com Dona Fernanda Silva Cavalcanti, concedida ao autor da pesquisa, realizada em 23/12/2007 em sua residência em Ipojuca.

Fontes Primárias

Arquivo Histórico Ultramarino – Doc. 13654 – Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da UFPE.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Vozes; Loyola, 1993.

Código de Direito Canônico: Codex Iuris Canonici. São Paulo: Loyola, 1983.

Crônica deste Convento desde a Chegada dos Religiosos Alemães no ano de 1895.

Plano de preservação dos sítios históricos do interior /PPSHI. Recife : FIAM, 1982.